

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**RETRATO DO CONTEXTO PSICOLÓGICO E SOCIAL DA
ILHA GRACIOSA:
ENTRE A SEGURANÇA E A DESESPERANÇA
DOS NOVOS TEMPOS E ESPAÇOS**

Júlio Espínola Mendonça

Novembro 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, área de especialização em Intervenção Psicológica, Educação e Desenvolvimento Humano, orientada pelo Professor Doutor *Joaquim Luís Braga dos Santos Coimbra* (F.P.C.E.U.P.).

Agradecimentos

Os que fizeram parte do caminho, o Nuno Nunes, o Pedro Saraiva, a Ana Soeiro, a Esteia, o Rui Lobão, o Bruno Messias, Renato Cordeiro, Kevin Silva e Steven Silva, o Pappy e o Geninho, o João da Nelinha e o André Leite, o Piriquito e o Macaco Eléctrico, o Mosca e o Marquinho, o Gugu, o “moço do Freitas” e a Ana Luísa, míticos por vontade alheia.

Os que traçaram os caminhos que hoje percorremos, deixo a minha mais profunda admiração. Entre eles, o meu orientador Dr. Joaquim Coimbra e o também sempre presente Dr. Carlos Gonçalves, pela forma de estar, de olhar, de ouvir e de fazer falar o mundo.

A Dra. Luísa Santos, pela sua simpatia e pela infinita disponibilidade do seu espírito de entreatajuda, de colaboração, de apoio... enfim, por tudo.

Os Dr. Daniel Braz, Dr. Fernando Gonçalves e Dra. Mafalda Lopes, pelo excelente trabalho e dedicação num dos locais mais difíceis de trabalhar da nossa faculdade, mas também pela amizade que muito estimo.

A Cláudia, o João, o Mosh, o Luís Bastos, a Clara e a Cláudia Monteiro, pela ajuda preciosa que deram na elaboração deste trabalho nos momentos mais difíceis.

A Francisca Pereira, pela companhia e carinho, pelos bons, belíssimos e inteligentes conselhos e opiniões, pela enorme ajuda que me soube dar nesta longa caminhada e, principalmente, por ser a única pessoa que, por vezes, conseguiu penetrar pelas minhas densas camadas de orgulho e de culpa, tornando os dias mais (humanamente) Açorianos, entre vulcões, lendas e mares de mistério.

A minha linda família e os grandes ilhéus dos Açores que participaram neste estudo, de forma formal ou informal.

A todos eles pertence, por direito, este estudo. Não o posso dedicar. Devolvo-o à origem.

Resumo

Numa aldeia global em que a tecnologia, a velocidade (do progresso, da mobilidade) e o risco se assumem como signos dominantes, procurámos perceber qual a situação psicológica e social dos habitantes e da comunidade da ilha Graciosa, onde a tradição, a rotina e o ritmo de vida mais lento ainda se constituem como elementos estruturais do social e do quotidiano; onde a densa rede social é fonte de constrangimentos mas também de segurança, satisfação emocional e sentimento de pertença para o indivíduo; onde o isolamento geográfico e a sua reduzida dimensão limitam a mobilidade no interior e para o exterior, mas também protegem (tanto como constrangem) a sua cultura e economia; onde o público e o privado ainda se misturam e determinam, em grande medida, toda a organização psicológica, social, cultural e económica e política. Através deste estudo exploratório, concluímos que: o isolamento já não se constitui como a grande dificuldade numa das ilhas mais “periféricas” dos Açores; os jovens têm uma visão (quase) totalmente diferente das outras gerações sobre a cultura e história locais, como também sobre as actuais dinâmicas psicológicas e sociais dos graciosenses; estes têm também uma elevada dificuldade em fazerem-se ouvir e em construir formas alternativas de participação a nível político, cultural, social e económico; o pessimismo quanto à viabilidade do futuro desta comunidade constitui-se como um dos principais obstáculos (internos) ao seu desenvolvimento. Terminamos com a formulação da hipótese da diferença, tentando contrariar os vaticínios de um despovoamento acelerado e dos possíveis efeitos da crise mundial nos locais mais periféricos e “esquecidos”, bem como a ideia do maior ou menor valor deste local frente a outras regiões do globo.

Palavras-chave: Ilha Graciosa; Isolamento; Comunidade; Sentimento de segurança e de pertença; Despovoamento; Cultura e história locais; Qualidade de vida; Investigação qualitativa

Abstract

In a global village where technology, speed (of progress and mobility) and risk are assumed as dominant symbols, we have tried to understand Graciosa island's inhabitants and community's psychological and social situation, whose tradition, routine and slower pace of living still constitute structural social and daily elements; where the tight social network provides a source of constraints but also of safety, emotional satisfaction and a feeling of belonging to the individual; where geographic isolation and its reduced range bind mobility from the inside out, but also protect (as much as they restrain) its culture and economy; where public and private still mix and determine, to a large extent, all the psychological, social, cultural and economic organization. Through this exploratory study, we have concluded that: the isolation no longer represents a major barrier in one of the most "peripheral" of Azores' islands; youngsters behold the local culture and history, as well the local inhabitants' current psychological and social dynamics from an almost totally opposing viewpoint than the generations before them; youngsters furthermore experience significant difficulty in making themselves heard and construe alternative ways of participating on a political landing; their pessimism regarding this community's viability in the future constitutes in itself one of the main (internal) obstacles to their growth. We conclude by formulating the hypothesis of the difference, proposing to contradict the predictions of accelerated depopulation and the global crisis' possible effects on the more peripheral and "forsaken" places, as well as this place's conception as of greater or lesser value, when opposed to other regions of the globe.

Key-words: Graciosa Island; Isolation; Community; Feeling of safety and belonging; Depopulation; Local culture and history; Life history; Qualitative investigation

Résumé:

Dans ce village global, dont la technologie, la célérité (du progrès, de la mobilité) et le risque se prennent comme des signes dominants, on a cherché à comprendre la situation psychologique et sociale des habitants et de la communauté de l'île Graciosa (Azores) où la tradition, la routine et une façon de vivre plus calme e plus douce se constituent encore comme des éléments structuraux du social et du quotidien; où la maille très serrée du tissu social est source de contraintes aussi bien que de sécurité, de satisfaction émotionnelle et de sentiment d'appartenance de l'individu; où l'isolement géographique et la très petite dimension du territoire limitent la mobilité à l'intérieur et vers l'extérieur, mais protègent (dans la même mesure qu'ils en empêchent) sa culture et son économie; où le public et le privé se mélangent encore et en déterminent, en grande mesure, toute l'organisation psychologique, sociale, culturelle et économique. A partir de cette étude exploratoire, on conclue que: l'isolement ne se constitue plus comme la plus grande difficulté d'une des plus périphériques îles d'Azores ; les jeunes ont une perspective (presque) absolument différente de celle des générations plus âgées aussi bien sur la culture et l'histoire de l'île que sur les dynamiques psychologiques et sociales actuelles; les jeunes trouvent aussi de très grandes difficultés à se faire écouter et à construire des formes alternatives de participation politique ; le pessimisme en ce qui concerne la viabilité du futur de cette communauté se constitue comme un des plus grands obstacles (internes) à son développement. Finalement, on termine avec la formulation de l'hypothèse de la différence, en essayant une opposition aux vaticinations d'un dépeuplement accéléré et de possibles effets de la crise mondiale dans des endroits plus périphériques et «oubliés», et aussi l'idée de la valeur (majeur ou mineur) de ce lieu vis-à-vis d'autres régions de la planète.

Mots-clefs: île Graciosa; Isolement; Sentiment de sécurité; Sentiment de appartenance; Dépeuplement; Culture et histoire de l'île; Qualité de vie; Recherche qualitative

Índice

Capítulo I: Uma ilha à margem do mundo

1.1 Introdução.....	9
1.2. Enquadramento teórico.....	14
1.2.1. Uma perspectiva abrangente.....	14
1.2.2. Contribuições da Sociologia.....	15
1.2.3. Contribuições da Psicologia	20

Capítulo II: Metodologia

2. Abordagem Qualitativa e Perguntas de Investigação.....	23
2.1. Guião da Entrevista e Processo de Amostragem.....	24
2.2. Procedimentos da Análise de Dados	26

Capítulo III – Apresentação e Discussão dos Resultados 28

3.1. Qual a influência de uma atitude pessimista ou optimista na adaptação (criativa) do indivíduo ao contexto graciosense?.....	28
3.2. Qual a influência de um passado percebido como securizante/opressor na apreensão das dinâmicas actuais do contexto graciosense?	30
3.3. De que forma a percepção do isolamento influencia o bem-estar psicológico e o quotidiano dos graciosenses?.....	33
3.4. Qual a influência das transformações da sociedade resultantes da modernidade e da globalização nas dinâmicas psicológicas e sociológicas da comunidade graciosense?	41
3.5. O que significa a pertença à Graciosa?.....	47

Capítulo IV – Conclusões 52

4. Considerações finais.....	52
4.1. O factor humano.....	52
4.2. O factor político	56

Capítulo V – Análise Crítica 60

5. Limitações do estudo, propostas de investigação e intervenção.....	60
--	-----------

Referências Bibliográficas	64
---	-----------

Anexo 1	70
Guião das entrevistas	70

Não deixes o cansaço instalar-se
em vez disso, silenciosamente
como a um pássaro
estende a mão ao milagre

Hilde Domin

Capítulo I – Uma ilha à margem do Mundo

1. Introdução

Só tendo em atenção que a documentação é imprecisa, e de que existem registos anteriores aos mapas de navegação portugueses, é possível dizer com alguma segurança que o «achamento» do arquipélago dos Açores foi realizado por Diogo de Silves em 1427 (Ferreira, 1968), sendo que apenas em 1452 assume a sua forma actual, ano em que as ilhas das Flores e do Corvo viriam a ser achadas por Diogo de Teive (Peres, *in* Ferreira, 1968). “*Localizado em termos médios (centro geodésico 38°35`N;28°05`W) a 1 643 km de Lisboa e a 2 889 km de Nova Iorque*” (Espínola, 2010; p. 70), esta posição irá assumir ainda maior relevância nos dois últimos séculos do segundo milénio nas relações com o continente Europeu e Americano.

Dos primeiros documentos oficiais conhecidos sobre os Açores, pouca ou nenhuma informação é dada sobre a ilha Graciosa (Moniz, 1883). É no entanto certo que o seu povoamento se deu a partir da Terceira, sendo Vasco Gil Sodré, natural de Montemor-o-Velho, um dos primeiros povoadores. Em 1465 e 1485, eram já residentes os primeiros Capitães Donatários da ilha, a qual foi doada pelo infante D. Henrique a Pêro Correia da Cunha e Duarte Barreto (Ferreira, 1968; Moniz, 1883).

Quatro séculos mais tarde, Ribeiro (1983), no âmbito das pressões autonomistas, opor-se-á à visão de que os Açorianos constituem uma “mistura” de várias origens, de várias pátrias. Tendo como objectivo o enaltecer da “veia” portuguesa na especificidade açoriana, argumenta que o que caracteriza este povo é a fixação no solo das ilhas dos Açores de um tipo específico de português, a saber, o português de Quatrocentos, das grandes epopeias.

O açoriano seria assim não apenas descendente, mas uma amostra viva do passado, preservada pelo isolamento, “*daqueles valorosos soldados que um século antes, cheios de patriotismo, haviam firmado com sangue a nossa independência, cobrindo-se de glória em Aljubarrota; portugueses da época mais notável da nossa vida nacional; portugueses fortes e leais, ainda não depauperados pelas conquistas nem corrompidos pelo oiro do ocidente; portadores de todas as virtudes da nossa raça,*

de todas as grandes qualidades que tornaram gloriosa a nossa história” (Ribeiro, 1983; p. 4)

Para além da etnicidade do povo Açoriano, cada ilha possui características específicas que a diferencia das outras oito. A ilha Graciosa, cujo nome advém do

“verde esmalte que atapetava os campos e montes, sem o assombrado dos mattos espessos e arvores seculares que ornavam as outras ilhas (...), se a observarem attentamente do mar, apresenta um delicioso quadro, que arrebatava o espírito, impressionando o homem mais indiferente ás bellezas que a natureza offerece à sua contemplação. Subindo qualquer de seus montes para todos os lados se deleita nas mais formosas e deslumbrantes perspectivas, parecendo mesmo que se está no meio d’um viçoso jardim, onde desabrocham as flores embalsamadas d’uma esplendida primavera” (Moniz, 1883; p.11);

“[tendo até, à data do seu «achamento»,] terrenos cobertos de plantas e flores, tanto, que a um poseram o nome de terra da rosa, que ainda hoje conserva, porque com effeito era elle uma aprasivel mata de rosas.” (Costa, 1845; p. 3)

Juntamente com a Terceira, São Jorge, Pico e Faial, constitui o grupo Central, sendo a mais setentrional deste agrupamento de ilhas. Esta é

“a segunda ilha mais pequena dos Açores [sendo 12 vezes mais pequena que São Miguel] e a terceira em termos demográficos. Desta forma, o seu peso em relação ao total regional é sensivelmente idêntico ao peso que a região Açores tem no todo nacional. Pois a Graciosa possui, em relação ao total Açores, cerca de 2,7% e 2,0% de superfície [61,66 km²] e população [4 393 habitantes (Censos, 2011)], respectivamente. Por seu lado, o arquipélago açoriano detém cerca de 2,5% da área de Portugal e 2,3% do total demográfico nacional” (Espínola, 2010; p. 71).

Uma das características diferenciadoras da ilha Graciosa é o seu relevo, já que é a mais baixa dos Açores, não ultrapassando os 402 m de altura, e possuindo no seu interior e no norte da ilha vastas planícies. Estes factores têm três consequências principais: primeiro, uma especial adaptação para a prática agrícola, favorecida pela riqueza dos solos e pela baixa humidade comparativamente às demais ilhas do arquipélago (Ferreira, 1968; Moniz, 1883; Costa, 1845); segundo, trata-se de uma ilha desabrigada, sujeita a fortes ventos de todos os quadrantes; por fim, *“as chuvas orográficas são pouco abundantes, sendo uma ilha relativamente seca, sem cursos de*

água, onde as raras nascentes têm fraco caudal” (Ferreira, 1968; p. 14). A falta de água foi em certa medida solucionada com a abertura de novos furos, mas a água que corre na rede de distribuição pública é salobra e de sabor desagradável. Mas, como refere Ferreira, agora a água *“já não falta, que é o que mais importa”* (*ibidem*; p. 67).

Com estas condições específicas, a ilha especializou-se na produção cerealífera, chegando a ser designada como o “celeiro dos Açores”. A cevada, o milho e o trigo ocuparam os “cerrados” graciosenses nos seus primeiros séculos de história (Costa, 1845; Moniz, 1883). Para além desta produção, a vinha também assumia especial papel na economia: para além do vinho, produzia-se (e em alguns casos particulares, ainda se produz) angelica, andaia e aguardente. No entanto, tanto o cultivo de cereais como da vinha necessitam de grande quantidade de mão-de-obra, havendo relatos de que a população, em tempos, seria de treze mil habitantes (algo que não nos foi possível confirmar). Moniz (1883) refere que em 1822 a Graciosa contava com 11 436 “almas”, referindo-se já ao fenómeno da emigração, pois passados sessenta anos, apenas residiam na ilha 8 412 habitantes. Mesmo assim, tanto Moniz (1883) como Costa (1845) referem que a população era excessiva para a pequena ilha, levando a situações de grande pobreza numa grande faixa da população, tornando assim o movimento migratório, segundo os mesmos autores, natural e até bem-vindo.

No século XX, esta situação económica e social acabaria por mudar radicalmente. Embora tenha registado uma progressão demográfica positiva entre 1920 e 1950, passando de 7563 habitantes para 9517, a partir daqui sofreria uma queda abrupta, com especial incidência nos anos (19) 60 e (19) 70. No espaço de vinte anos, passamos de uma pirâmide etária com uma população marcadamente jovem para uma com marcas de transição. Em 2001, cinquenta anos depois, *“assume já as características de uma população bastante envelhecida”* (Espínola, 2010; p.154). Este fenómeno deveu-se aos movimentos migratórios, nos quais a ilha perde uma boa parte da população em idade activa. Espínola (2010) esclarece muito bem este ponto, não deixando margem para qualquer dúvida:

“a população da ilha em 1981 apresentava -46,6% de pessoas activas que em 1960. Isto ajuda a justificar a razão pela qual (...) os terrenos cultivados deram lugar aos pastos com ervas para o gado, uma vez que deixou de haver mão-de-obra suficiente para

cultivar as terras, porque a maioria da gente que emigrou eram pessoas que trabalhavam essencialmente no campo” (p. 157)

Isto aconteceu não apenas devido ao excesso populacional, mas também devido às grandes desigualdades económicas existentes naquele tempo entre proprietários e trabalhadores. A divisão da propriedade era bastante assimétrica: “[mesmo que a maioria da população possua alguns terrenos] *a maior parte das famílias não tem a terra que satisfaça as necessidades de subsistência*” (Ferreira, 1968; p. 165). Desta forma, o regime de parcerias era usual, representando na prática, um travão à mobilidade social: o máximo que poderia almejar um bom trabalhador de origens pobres era uma terra fértil para arrendar (por oposição a uma terra com baixo rendimento). O ponto positivo nestas situações era a ausência de capital envolvido no arrendamento, dando assim maior estabilidade à economia do agricultor (Ferreira, 1968).

Desta forma, compreende-se melhor que o “sonho americano” (e, para uma minoria, canadiano) tivesse um tão forte impacto na população graciosense e, em geral, em todas as ilhas dos Açores. Constituía-se como a única possibilidade de ter uma vida mais folgada. O impacto deste movimento migratório na Graciosa foi relativamente mais negativo por duas razões: pela perda de um estilo de vida com longa tradição e pela dificuldade de regeneração da população dado o seu número reduzido, taxa de envelhecimento e fraca atractividade do seu território (Espínola, 2010) (não só pelas suas características físicas mas também pela sua posição geográfica no grupo central, já que é penalizada pelas rotas dos transportes marítimos, que tendem a preteri-la em favor da ligação com as ilhas do “triângulo” (São Jorge, Pico e Faial) (Pacheco, 2004)).

Neste contexto, podemos perceber as diferenças existentes entre três dos últimos estudos feitos sobre a Graciosa, dois deles já referidos: (1) Ferreira (1968) descreve uma economia isolada mas dinâmica, cheia de história, tradições, paradoxos e informações indispensáveis à compreensão daquele mundo por parte de um leitor desinformado; (2) Langhans (1988) vai à Graciosa à procura dos últimos “mestres” de ofícios em vias de desaparecerem ou já completamente “extintos”, perpassando na sua escrita a nostalgia e admiração pelo passado, bem como a esperança de que, caso haja vontade, é sempre possível a um povo superar-se e contrariar o seu destino; (3) Espínola (2010), por seu lado, analisa a influência dos movimentos migratórios na demografia

Açoriana e, em especial, na graciosense, e coloca a hipótese de um eventual retorno dos emigrantes como forma de dinamizar a economia da ilha. No entanto, perante a imensidão dos indicadores negativos com que se depara, o seu registo é desesperançado (reflexo do olhar do cientista frente a uma forte evidência empírica), não dando qualquer indicação, para além da (remota) hipótese já referida, de que a situação difícil que os graciosenses hoje vivem venha alguma vez a melhorar falando, pelo contrário, num “*contínuo processo de despovoamento*” (p. 234). Nota-se então o evoluir, ao longo de 40 anos, de uma perspectiva cada vez mais negativa: começando por um olhar firme e confiante na continuidade do tempo e daquela cultura, passando para uma contemplação um pouco receosa que procura no passado elementos que permitam tornar o presente mais positivo e, por fim, o examinar da evolução histórica, onde o presente tem cada vez menos lugar e o futuro já não é senão uma miragem. Embora o foco de cada trabalho seja também cada vez mais restrito, tal facto parece dever-se aos diferentes objectivos e às metodologias usadas por cada autor. Refira-se, porém, que os dois primeiros estudos dificilmente fariam qualquer sentido hoje, o que revela bem as profundas alterações vividas em tão pouco tempo nesta comunidade.

Chegados a este ponto, importa perguntar qual o sentido de estudar esta população? Em nosso entender, é precisamente por todas estas características e pelas dificuldades e incertezas do momento actual que se torna tão imperioso quanto recompensador observar de perto os graciosenses, analisando as suas representações mentais, sentimentos e atitudes, comportamentos e rotinas, bem como as relações que desenvolvem entre si, com o seu contexto e com o exterior. Talvez um pouco como Sigmund Freud (1961; 2001) – com as devidas distâncias do tema e da erudição – propomo-nos estudar um sistema desorganizado de forma não só a perceber a origem da desadaptação como também aumentar a percepção sobre o funcionamento do mesmo através da visibilidade que os “sintomas” assumem. Reconhecendo as causas, poderemos agir sobre elas.

Como objectivo secundário, ou como pano de fundo, interessa-nos analisar os resultados da “modernização” de uma sociedade que, em alguns aspectos, permanece ligada a um modo de estar bastante influenciado pelas tradições e rotinas locais. Assim,

conjuga aspectos aparentemente divergentes: por exemplo, o conflito entre a intensificação do controlo administrativo aliado à permanência do “poder” da tradição e da família. Este momento de crise, criador de novas dinâmicas, acaba por ser útil para a análise das representações sociais: *“quando um grupo ou as suas imagens estão a passar por mudanças, as pessoas estão mais dispostas a falar, as imagens e expressões são mais vivas, as memórias colectivas são excitadas e o comportamento torna-se mais espontâneo”* (Moscovici, 2003; p. 91)

Não se trata de afirmar que conflitos deste tipo são apenas vividos na Graciosa ou em pequenas comunidades isoladas, mas sim de reconhecer que, nestes contextos, eles tornam-se mais expressivos e visíveis, tendo consequências mais intensas, quer sejam positivas ou negativas. Ainda, devido ao seu isolamento (e à relativa segurança que este proporciona) e ao seu modo de vida, ainda com fortes alicerces na tradição (e nas ligações à família, à comunidade e à “sua” terra), poder-se-ia defender que os graciosenses e, em geral, os açorianos, estariam numa posição privilegiada para observar de forma mais distanciada as dinâmicas de profunda e acelerada transformação que hoje se vivem no Mundo. Não queremos com isto dizer que os graciosenses vivem num mundo à parte, mas sim que, de certa forma, vivem ainda um pouco à margem de uma sociedade globalizada e, principalmente, globalizante. Como Bauman (2007) o coloca:

“Las tendencias que actúan en el «centro», por lo general, se descubren con más prontitud y se expresan con más claridad en «los márgenes». Estar en las afueras del centro de la civilización significa estar lo bastante cerca como para ver las cosas con claridad y, sin embargo, lo bastante lejos como para «objectivarlas» y de esta forma moldear y condensar la percepción en un concepto.” (p. 28)

1.1. Enquadramento teórico

1.2.1. Uma perspectiva abrangente

O foco do nosso estudo difere da ciência psicológica se esta for considerada como aquela que estuda o comportamento e as disposições mentais, isto é, a que restringe o seu foco ao indivíduo e aos factores que o afectam de forma directa. Difere também da ciência sociológica quando esta assume um papel determinista às instituições sociais, culturais e económicas (e para as ligações entre elas), não dando espaço à livre iniciativa ou à capacidade do indivíduo para lhes resistir. Os dois lados desta oposição têm vindo a aproximar-se e a estreitar relações.

Na psicologia, Bronfenbrenner (1979) deu um impulso importante a este movimento através da construção do modelo ecológico do desenvolvimento humano, onde o indivíduo é sempre visto em interacção com o meio, pese embora outros autores o tenham precedido, como são os casos de Erikson (1976), com o modelo psicossocial do desenvolvimento, e de Bowlby (1988) na teoria da vinculação. Na sociologia, vários autores têm apontado o seu foco para a influência das sociedades modernas no indivíduo, trazendo para o centro da sua análise conceitos como a *confiança básica e a intimidade* (Giddens, 1994, 1996, 2001; Lipovetsky, 1989), a *identidade* (Bauman, 2001; Giddens, 1994, 1996; Hall, 2006) o *narcisismo* (Lipovetsky, 1989; Giddens, 1994). Sendo o nosso objecto de estudo *as relações desenvolvidas pelos graciosenses no e com as particularidades do contexto em que se inserem – e a influência destas nos comportamentos e rotinas, disposições, sentimentos, atitudes e representações mentais dos mesmos* –, a adopção de um ponto de vista mais abrangente, com contribuições das duas ciências, irá permitir uma análise tanto a nível *micro* como a nível *macro*.

1.2.2. Contribuições da sociologia

A convergência destes dois pontos de vista, em nosso entender, é sintoma dos desafios com que hoje se defronta a sociedade. Ambas as disciplinas surgem com o evento de uma sociedade industrializada no ocidente. Giddens (1994) dá grande relevância a esta origem:

“A modernidade, pode dizer-se, quebra o enquadramento protector da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações impessoais muito maiores. O indivíduo sente-se despojado e só num mundo onde ela ou ele sentem a falta dos apoios psicológicos e o sentido de segurança fornecidos por contextos mais tradicionais.” (p. 30)

Este quadro é levado a um extremo com a queda do bloco soviético: a partir deste ponto, a ocidentalização do mundo torna-se cada vez mais hegemónica, levando, segundo Beck (1994), a um desgaste inevitável nos seus alicerces físicos, culturais e sociais. Em resposta a este movimento, surgem “bolsas” de resistência a uma expansão aparentemente imparável e incontrolável do ocidente: do lado negativo, o fundamentalismo, nacionalismo e racismo (*ibidem*) e, de uma forma mais positiva, lutas pela diferença cultural ou pela identidade local e regional (Peralta, 2008) e os novos movimentos sociais (Giddens, 1996). Estas reacções prendem-se, pelo menos em parte, com a necessidade de conferir estabilidade a um mundo cada vez mais complexo, no qual as certezas da modernidade no perpétuo progresso da ciência e da humanidade se diluíram na omnipresente dúvida da primeira e nos choques das guerras mundiais e das crises do sistema capitalista e da democracia representativos da segunda (Bauman, 2001). É neste contexto que a sociologia e a psicologia podem ser úteis como ferramentas para a análise das ligações cada vez mais próximas e complexas entre eventos ou *factos sociais* e reacções ou disposições psicológicas (Bourdieu, 1997a).

Mas que efeitos têm estas transformações sociais e políticas no indivíduo e no seu quotidiano? Segundo Lipovetsky (1989), o séc. XX assistiu, a partir dos anos 20, a uma progressiva mutação sociológica global, na qual a “*fase inaugural das sociedades modernas, democráticas-disciplinares, universalistas-rigoristas, ideológicas coercivas*” (p. 8) entrou em declínio, tendo sido substituída pela “*instalação de uma sociedade flexível, baseada na informação e na estimulação das necessidades, no sexo e no levar em conta os «factores humanos», no culto da naturalidade, da cordialidade e do humor*” (p. 8). Por outras palavras, o fim do reinado do trabalho visto como valor último, substituído pelo reino das pulsões.

É neste enquadramento que melhor se percebe o argumento de Giddens (1994) sobre a substituição do sentimento de culpa, em relação à auto-identidade, pela crescente proeminência da vergonha, sintoma de que o “*indivíduo não vive tanto de acordo com preceitos morais extrínsecos, mas mais através da organização reflexiva do self*” (p. 137). Segundo este autor, a vergonha ameaça a *confiança básica* de forma mais directa e penetrante “*porque a culpa diz respeito a formas específicas de comportamento ou cognição, e não ao facto de ameaçar a integridade do self em si*” (p. 137). Como pano de fundo desta transformação do indivíduo, Lipovetsky (1989) indica

a substituição dos valores individualistas, mais ligados à universalidade das motivações e das acções, pelo processo de personalização, ligado ao predomínio da vontade de autonomia, e levando a uma particularização dos grupos e dos indivíduos que, por toda o lugar, partem na busca de uma identidade própria.

Sendo o nosso objectivo estudar a pertença a uma comunidade de reduzida dimensão e isolada do exterior num mundo onde o global se torna cada vez mais omnipresente (e.g., Beck, 1998; Giddens, 1994, 1996; Stiegler, 2009), importa então não perder de vista tanto os critérios objectivos (evolução demográfica, características do território, actividade económica) como os subjectivos (sentimentos de pertença, representações mentais, comportamentos, atitudes, rotinas, *etc.*), “*de forma a manter junto o que está junto na realidade*” (Bourdieu, 1997a; p. 227). No mundo quotidiano, os indivíduos são ao mesmo tempo sujeito activo e objecto das condições sociais, culturais e económicas com que se confrontam, deixando para o observador comportamentos, representações, categorizações sociais e formas de resistência que indicam a forma de estar e de representar o mundo em redor (Bourdieu, 1997a).

As pequenas comunidades, mais ou menos isoladas e identificadas como “rurais” são, no contexto actual de incerteza e insegurança, facilmente romantizadas como seguras, acolhedoras, onde há espaço suficiente para todos – um sentimento de comunidade – onde se pode estar livre não apenas dos perigos mas também de constrangimentos vários com que mulheres e homens se defrontam na cidade. Por fim, pode ainda representar um estatuto socioeconómico (por exemplo, ter uma casa de férias no campo) (Panelli *et al*, 2007). Se é certo que esta visão parece ecoar na nostalgia de um passado longínquo do qual se guardam sobretudo as boas memórias (Giddens, 1996), é igualmente verdade que estes locais possuem também os seus “desencantos”. De uma forma pragmática, este ponto é bem espelhado por um dos elementos da nossa amostra:

“Todos os sítios têm as suas peculiaridades e viver durante bastantes anos em dois sítios diferentes, é óbvio que se adopta dois estilos de vida basicamente diferentes, em que ambos os estilos de vida têm coisas que a pessoa gosta, caso contrário não

adoptaria esses estilos de vida. De facto, escolher entre um e o outro, há sempre algo que fica de fora.” (Eduardo)

Resolvemos então perguntar: quem são os graciosenses, como vivem o passado, o presente e o futuro, como se relacionam entre si e com o exterior, e qual a influência destas ligações com o bem-estar psicológico e social?

Para realizar a análise destas características é preciso, em primeiro lugar, definir o campo social e, de seguida, apontar para os processos e estruturas que julgamos serem influentes na definição deste campo e da sua influência sobre o indivíduo. A sociologia, para Durkheim (1998), tem como objecto o estudo das instituições – definidas como as crenças e modos de conduta instituídos pela colectividade –, a sua génese e o seu funcionamento. Habermas (1979), por seu lado, foca-se no intento de expandir o mundo da vida ou do quotidiano (*space of the life-world*), por oposição ao sistema, identificado como a reprodução material e regido pela lógica instrumental. Para tal, elabora uma teoria da acção comunicativa onde, ao contrário de Giddens (1996), não são os sistemas periciais a criar a realidade ou a norma, mas sim os indivíduos que, através dos actos discursivos, testam e validam diferentes visões e posições sociais do Mundo e no Mundo.

No entanto, Lash (Beck, Giddens & Lash, 1997) chama a atenção para o facto de que num mundo cada vez mais complexo e abstracto, “*o discurso incessante do conceito e da reflexividade cognitiva (...) pode não ser o melhor modo de acesso à verdade*” (p. 152). Enquanto Habermas (1979) se foca numa visão mais construtivista, dando grande relevância à agência do indivíduo como força motriz das estruturas sociais, Bourdieu (1997b), a partir do conceito de *habitus* (definido como “*princípios geradores de práticas distintas e distintivas (...)*, [constituindo-se também como] *esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão*” (p.9)), irá assumir uma postura onde o sujeito é, de certa forma, “lançado [*trownness*] numa rede de práticas e significados que lhe pré-existem” (Beck, Giddens & Lash, 1997; p. 156). Estabelecendo como princípio que o espaço social engloba o indivíduo “*como um ponto*”, Bourdieu (1997a) conclui que “*este ponto é um ponto de vista, o princípio de uma vista tomada a partir de um ponto situado no espaço social, de uma perspectiva definida na sua forma e no seu conteúdo pela posição objectiva a partir da*

qual é tomada” (p.13). Deste modo é ultrapassada a dicotomia entre o individual e o social, o “subjectivo” e o “objectivo”.

Assim, podemos concluir que Durkheim (1998) dirige o seu foco para o papel das instituições (como a família e a escola) na sociedade, e na forma como estas podem ser adaptadas de modo a melhorarem o funcionamento daquela (Durkheim, 2001). Nesta análise, Giddens (1994, 1996) e Lipovetsky (1989) ajudam-nos ao dissecarem as transformações ocorridas no final do séc. XX a nível social, cultural, económico e político, e as repercussões das mesmas no indivíduo. Habermas (1979), por seu lado, estuda o papel da comunicação e das relações de intersubjectividade e de poder, procurando as condições para que estas contribuam de forma positiva para o mundo da vida; por fim, Bourdieu (1997b) encontra nos hábitos, nas práticas e na busca da origem dos mesmos, a explicação para a diferenciação e *di-visão* entre grupos de diferentes origens culturais e económicas, parecendo enfatizar mais a relação hermenêutica entre o sujeito e as categorias do contexto onde este se insere do que as variáveis sociológicas que possam agir como *causa* das diferenças sociais e comportamentais.

Estes três focos serão úteis para a análise da relação existente entre os graciosenses e o seu espaço social: (a) Durkheim (1998, 2001) na campo do possível, isto é, das hipóteses que poderão ser levantadas ou dos projectos que podem ser criados de modo a intervir de forma positiva sobre a comunidade e o indivíduo, contribuindo também para a compreensão do papel da moral nos comportamentos individuais; (b) Habermas (1984) no sentido de explorar as interacções existentes no espaço social, nomeadamente na análise do tipo de relações de poder existentes numa rede de relações sociais tão apertada que se defronta ainda com uma barreira face à comunicação com o exterior, impossibilitando, em certa medida, uma das estratégias de resolução de conflitos mais em voga na sociedade contemporânea, a saber, a desvinculação ou evitamento, obrigando assim ao diálogo ou à coerção (que pode consistir em actos de violência) (Beck, Giddens & Lash, 1997); (c) por último, Bourdieu (1997a, 1997b, 2007), com o seu foco nos esquemas classificatórios usados – e reforçados – pelos indivíduos na classificação e *di-visão* social, permitirá aprofundar a análise sobre os comportamentos, representações mentais e relações entre os indivíduos e grupos da ilha Graciosa.

1.2.2. Contribuições da Psicologia

Dentro deste campo, podemos falar com mais propriedade do sentimento de pertença. Na psicologia comunitária, Seymour Sarason (1974) define o *sentimento psicológico de comunidade* (SPC) como “o sentimento de que somos parte de uma rede de relacionamentos de suporte mútuo”. Este conceito foi depois revisto por McMilan e Chavis (1986): “[o SPC é] o sentimento de pertença que os seus membros possuem, um sentimento de interesse recíproco entre os membros e entre estes e o grupo, a crença partilhada de que as necessidades de cada membro serão satisfeitas através do seu compromisso em permanecerem juntos” (p.9).

A definição proposta resulta dos quatro critérios apontados pelos autores no intuito de aumentar a coerência teórica deste conceito: (1) *estatuto de membro* (sentimento de pertença); (2) *influência recíproca* [*influence*] (sentimento de influência recíproca entre o grupo e os seus membros); (3) *vínculos emocionais partilhados* (compromisso e a crença na partilha experiencial de um passado, presente e futuro); (4) *integração e realização de necessidades* (a crença de que a filiação ao grupo corresponderá de forma positiva às necessidades do indivíduo). O SPC está associado com vários indicadores de bem-estar psicológico, como por exemplo: a satisfação com a vida (e.g., Prezza *et al*, 2001); as percepções de pertença e de ligação à comunidade (e.g., Sonn, 2002); o envolvimento na comunidade (e.g., Chavis & Wandersman, 1990).

Nowell e Boyd (2010) chamam a atenção para as limitações desta teoria, já que encara o grupo unicamente como fonte de recursos para o indivíduo. Associam-na, desta forma, aos modelos de escolha racional, demonstrando que assim se torna incapaz de explicar os comportamentos de altruísmo: isto é, quando um indivíduo age em prol da sua comunidade na ausência da expectativa de qualquer retorno (para além da satisfação pessoal).

Assim, propõem uma teoria do SPC que vá para além de uma orientação exclusiva nas necessidades humanas: a experiência da pertença a uma comunidade deve ser colocada em termos do que é apropriado ou correcto, e não numa lógica de consequências (positivas ou negativas). Isto é, deve ser orientada para os valores, para o sentimento de responsabilidade pelo bem-estar da comunidade. Este, segundo os

autores, é desenvolvido em contacto com os diferentes contextos e instituições (Nowell & Boyd, 2010).

Comparando estas duas perspectivas, parece-nos plausível assumir que se complementam, pois são válidas as críticas apontadas por Nowell e Boyd e o foco na responsabilidade como resolução das mesmas é uma proposta não apenas coerente como também de alguma utilidade para a análise do SPC em contextos particulares.

No entanto, o nosso foco não se restringe à análise do sentimento de pertença dos graciosenses. Pelo contrário, como já foi explicitado, optámos desde cedo por uma visão abrangente da relação entre o indivíduo e o seu contexto, no sentido de explorar todo um conjunto de processos e estratégias utilizadas pelo graciosense no seu quotidiano, com os quais procura manter, aumentar ou quebrar os vínculos com o seu meio envolvente (físico e social). Nesta análise, e para além da utilidade dos conceitos retirados da sociologia já referidos, a perspectiva ecológica de Bronfenbrenner (1979) é particularmente útil.

Este autor engloba, no seu modelo ecológico do desenvolvimento, não apenas os *processos proximais* – onde através do aumento progressivo da complexidade da interacção entre um organismo humano biopsicológico e os elementos do meio externo mais próximos (por exemplo, a família nuclear), se dá o desenvolvimento –, mas também a influência que os processos que ocorrem nos contextos mais alargados (*macrossistema*) têm sobre as propriedades do exo-, meso- e microssistemas (como é o caso da política pública). Este modelo, pelo seu foco nas dinâmicas dos diferentes sistemas (e nas relações estabelecidas entre eles), permite analisar estudos anteriormente realizados a uma nova luz e desenvolver planos de investigação mais abrangentes (Bronfenbrenner, 1979; Bronfenbrenner & Evans, 2000).

O foco que Bronfenbrenner coloca na importância do contexto para o desenvolvimento individual teve (e tem) uma grande influência sobre a psicologia. Lerner (1986), um dos principais defensores deste ponto de vista, explica que um modelo contextual assume que existe uma mudança constante em todos os níveis de análise, sendo que cada nível está imerso com todos os outros, levando a que qualquer mudança localizada acabe por promover mudanças em todos os níveis do sistema.

Este foco no contexto não é, no entanto, limitado a Bronfenbrenner. Passos importantes foram antes dados pela psicologia do ego de Anna Freud (2006) e, principalmente, pela teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1968), surgem como complementos à teoria psicanalítica de Freud (1961) pela maior ênfase na adaptação ao meio envolvente. Erikson (1968) coloca o indivíduo inserido num contexto social fornecedor ou não de segurança e apoio, estabelecendo diversos estágios onde a resolução de cada conflito de forma positiva resulta numa melhor adaptação psicológica e irá influenciar a resolução dos estágios seguintes. A não resolução dos mesmos pode resultar não apenas numa falha desenvolvimental (por exemplo, o predomínio da desconfiança sobre a confiança básica) como também de impedir a progressão do indivíduo para os estágios seguintes (como é o caso de alguns adolescentes analisados por Marcia (1986) em difusão de identidade). A teoria psicossocial de Erikson (1968) é relevante para o presente estudo pela esquema de análise que fornece sobre a reciprocidade da relação entre o indivíduo e a sociedade, colocando de um lado as capacidades e necessidades do primeiro e, do outro, aquilo que é requerido e o que é fornecido pela sociedade ao indivíduo.

Já Marcia (1966, 1986), tomando como ponto de partida a teoria psicossocial de Erikson (1968), embora se foque principalmente no desenvolvimento da identidade nos adolescentes, adquire especial relevância pelo papel conferido à *exploração* – questionamento activo que pode resultar tanto na excitação e no reforço da curiosidade inicial como no desconforto, intolerância, ambiguidade e ansiedade – e ao *investimento* – acções guiadas para a implementação de escolhas relativamente firmes como preparação para papéis futuros. Estes dois eixos estão na base dos quatro estatutos de identidade (difusão de identidade, identidade outorgada, identidade em moratória e identidade alcançada [*identity achievement*]). A ausência de exploração pode significar que o indivíduo não sente essa necessidade porque o investimento foi feito com base em objectivos, crenças e valores definidos por outrem ou por falta de estímulos do meio. A falta de investimento pode ser reveladora de que o indivíduo se encontra em *moratória*, período em que lhe é permitido explorar diferentes papéis, mesmo que assentes em crenças, valores e objectivos contraditórios.

Estes dois últimos autores permitem-nos avaliar com maior clareza as qualidades bem como os defeitos da relação de um dado indivíduo com as características do seu

contexto e, a partir daí, indicar campos ou estratégias de intervenção. Através de Erikson (1968), podemos observar de perto os conflitos desenvolvimentais de cada indivíduo e lançar hipóteses sobre as causas sociais, interpessoais ou psicológicas da resolução positiva ou negativa dos mesmos; com Marcia (1966, 1986) entendemos melhor as escolhas de cada indivíduo (e a falta delas), lançando luz sobre as possibilidades ou barreiras à exploração e ao investimento; por fim, Bronfenbrenner (1979) ajuda-nos a entender as relações possíveis de um sistema familiar ou de uma comunidade local com sistemas mais abrangentes, e os efeitos recíprocos que cada um dos níveis pode ter sobre os outros. Assim, ajuda-nos a questionar de forma mais intencional as causas de um facto social ou de um comportamento individual que apenas na aparência é específico de um contexto ou daquele caso em particular.

Capítulo II: Metodologia

2.1. Abordagem Qualitativa e Perguntas de Investigação

Para o presente estudo, tendo como principais objectivos a exploração da relação de influência recíproca entre o indivíduo e o contexto Graciosense, aliada à análise das dinâmicas existentes entre o global e o local, a metodologia usada foi essencialmente qualitativa. Esta pode ser definida como uma abordagem naturalista e interpretativa aos dados disponíveis, tendo como meta a percepção dos significados vinculados pelos indivíduos sobre os fenómenos que constituem o seu mundo social (Bryman, 1988).

Os seus resultados são apresentados sob a forma de dados discursivos e privilegia-se a observação do comportamento e do discurso em detrimento da validação numérica (Bardin, 2009). A análise dos dados é, de certa forma, intuitiva, tendo como objectivo explorar e compreender a fundo a realidade social sobre o qual o investigador se debruça (*ibidem*). Desta forma, uma das suas principais características distintivas é a flexibilidade, que permite a introdução de novos conceitos, significados e categorias que vão emergindo à medida que o trabalho de investigação e de análise decorre (Silverman, 2001). Por fim, é especialmente útil no contexto de fenómenos sociais sobre os quais não existe ainda uma boa compreensão (*ibidem*).

Tendo em conta estes factores, pensamos que tanto o nosso objecto de estudo como os objectivos que irão orientar o nosso trabalho de análise se encaixam numa metodologia qualitativa, a qual nos irá permitir dar voz aos actores sociais, ao seu conhecimento, preocupações, barreiras e ferramentas ou estratégias usadas para as contrariar. As perguntas de investigação que irão orientar a análise são as seguintes:

1. Qual a influência de uma atitude pessimista ou optimista na adaptação (criativa) do indivíduo ao contexto graciosense?
2. Qual a influência de um passado percebido como securizante/opressor na apreensão das dinâmicas actuais do contexto graciosense?
3. De que forma a percepção do isolamento influencia o bem-estar psicológico e o quotidiano dos graciosenses?
4. Qual a influência das transformações da sociedade resultantes da modernidade e da globalização nas dinâmicas psicológicas e sociológicas da comunidade graciosense?
5. O que significa a pertença à Graciosa?

2.2. Guião da entrevista e processo de amostragem

Num primeiro momento, a constituição do nosso guião (Anexo I) reflectiu duas preocupações principais: ser capaz de fazer surgir nas entrevistas o maior número possível de temas relacionados com o nosso objecto (a pertença à comunidade graciosense, traduzida nas representações, sentimentos, atitudes, valores e comportamentos associados a este contexto); estruturar a entrevista em termos temporais (do passado para o futuro, passando pelo presente), de modo a procurar ligações entre o nosso objecto e as mudanças sociais ocorridas (destraditionalização e reflexividade, globalização e *mass media*, consumismo e individualismo). Desta forma, o recurso a uma entrevista semi-estruturada justifica-se quer pela necessidade de desenvolver vários temas ao longo de cada entrevista, quer pela liberdade que confere, permitindo, por um lado, ao entrevistador mudar a ordem das questões e, por outro,

aprofundar novos temas não incluídos no guião mas que sejam relevantes para o entrevistado.

Note-se, no entanto, que a grande abrangência do nosso objecto de estudo, bem como a disponibilidade total dos representantes da nossa amostra em participar com os seus pontos de vista e em elaborá-los de forma extensa e profunda, criou o contexto para que as nossas expectativas quanto ao guião fossem quase completamente quebradas. No final, a técnica de recolha de dados assemelhou-se à *entrevista em profundidade* de Sellitz *et al.* (1987), a qual é particularmente indicada para estudos do tipo exploratório, que lidam com conceitos, percepções ou representações para ampliar o conhecimento de uma dada “realidade”. Esta entrevista pode ser descrita como uma pseudo-conversa, e essa é a melhor forma de definir a forma como decorreram as entrevistas realizadas. Este método de recolha de dados não é, no entanto, adequado para estudos do tipo causal, isto é, que procurem estabelecer correlações de causa e efeito, pelo que teremos de estar cientes deste facto nos momentos em que se proporcione o aprofundar dos conceitos – ou o alargar da sua abrangência – utilizados pelos representantes da comunidade nas suas narrativas

O uso de uma amostra por conveniência surgiu tanto da necessidade como da possibilidade de entrevistar membros da comunidade com quem já houvesse uma relação de confiança estabelecida. Apenas duas das entrevistas foram com representantes da comunidade com quem não havia esta relação. Em nenhum momento das sete entrevistas se registaram momentos de desconforto, tanto dos entrevistados como da parte do entrevistador. Mesmo os temas que incluíam este último, como aqueles ligados à juventude, foram sempre abordados com igual naturalidade que aquela usada nos demais momentos das entrevistas.

Saliente-se que, à excepção de Bruno (trabalhador por conta própria), todos os participantes do nosso estudo estão ligados ao sector terciário. Leonardo e Eduardo estão ambos na faixa etária dos 20 aos 30 anos (os dois solteiros), quatro entre os 31 e os 50 (Beatriz, Bruno, José e Nuno) e um entre os 51 e os 60 (Luísa), todos eles casados (à excepção de Bruno). A nível educacional, Beatriz, Bruno, Eduardo, Leonardo e Nuno possuem habilitações superiores, enquanto os dois restantes elementos (José e Luísa) completaram o ensino secundário (Anexo 2).

Não nos é possível efectuar uma melhor descrição dos diferentes elementos da amostra, pois, devido à reduzida dimensão da comunidade, tal procedimento resultaria no comprometimento das suas identidades. Tentámos, ainda, retirar das transcrições das entrevistas os elementos que facilitassem a identificação de cada indivíduo entrevistado, pelo que as mesmas se encontram algo empobrecidas no seu conteúdo.

2.3. Procedimentos da análise de dados

Na análise de dados, após a transcrição das entrevistas, foi realizada uma *análise de conteúdo*, com predomínio da *função heurística* sobre a função de *administração de prova*, isto é, a atitude foi exploratória (ao invés da procura de confirmação ou infirmação de hipóteses prévias), com o objectivo de fazer surgir hipóteses através do desenvolvimento de um conhecimento abrangente sobre cada um dos temas principais e da análise das semelhanças e diferenças entre os participantes (Bardin, 2009). Para este efeito, foi construída uma árvore de categorias de acordo com uma representação geral dos temas abordados pelos participantes no estudo, a qual foi progressivamente modificada, principalmente pela adição de subcategorias, à medida que avançava a codificação dos dados – que se traduziu na divisão de cada narrativa em pequenas unidades de conteúdo. Concluída esta fase, delimitou-se o número das perguntas de investigação, já referidas, de modo a que pudesse ser obtido um equilíbrio entre a análise compreensiva dos diversos elementos das entrevistas e a sua capacidade para fornecerem respostas adequadas e pertinentes. Este processo foi consideravelmente dificultado devido ao uso da entrevista em profundidade, resultando na proliferação dos temas, multiplicados por cada entrevista. Desta forma, muitos temas que, ou insuficientemente explorados, ou merecedores de uma metodologia mais centrada nos mesmos, ficaram de fora da descrição e análise de dados, embora tenham sido codificados e analisados à parte (iremos voltar a este ponto no final do trabalho).

No entanto, a análise das entrevistas não se esgotou no uso desta técnica. Pelo contrário, esta foi usada como meio para, e não como um fim em si mesma. Embora a classificação em categorias seja de grande utilidade, ajudando interpretar os dados e a

ter uma visão mais geral, e ao mesmo tempo profunda, sobre os mesmos, tem certos perigos: fornecer uma grelha de leitura à qual é difícil de escapar (Silverman, 2001), criando-se um possível distanciamento entre a perspectiva do investigador e a dos participantes e separando-se da experiência do sujeito que a experiencia, a observação do observador (Charmaz, 2006); o de criar uma falsa segurança dos números (Bardin, 2009). Neste contexto, e tentando seguir a recomendação de Bardin (*ibidem*) de manter uma “*atitude de vigilância crítica*” (p. 30) e de procurar técnicas de ruptura frente aos dados, realizámos, após a análise de conteúdo, uma nova exploração das narrativas a nível individual, isto é, remetendo a árvore de categorias para segundo plano: anotando as secções mais relevantes, de forma a elaborar um texto para cada narrativa que resumisse a posição social do seu autor e fosse capaz de salientar os pontos mais importantes do seu ponto de vista. Estas notas foram, ainda, subsequentemente organizadas tendo em conta a sua relevância para cada uma das perguntas de investigação, servindo assim como mais um material de apoio à análise de conteúdo.

Após a descrição dos instrumentos e procedimentos utilizados na análise dos dados importa, ainda, salientar que a pertença e as experiências vividas numa dada comunidade resultam em significados múltiplos, os quais variam de indivíduo para indivíduo, de grupo para grupo e, por vezes no mesmo indivíduo, podem surgir múltiplas representações (divergentes) sobre o mesmo tema, em diferentes momentos no tempo ou em dada área na qual tenha sentimentos ambivalentes. Como tal, a procura de um único significado para um dado conjunto de experiências ou de representações – no presente estudo, a busca de uma só forma de estar e de uma só representação social dominante, de um só significado da pertença à comunidade e ao contexto graciosense – não é viável. A nossa análise recai, obrigatoriamente, nas diferenças e semelhanças das múltiplas construções narrativas de diferentes indivíduos e grupos sociais e na subsequente procura da origem das mesmas e dos factores que ditam a sua reprodução social ou a sua eminente transformação.

Optámos por agrupar a apresentação e discussão dos resultados num único ponto devido à confiança, por um lado, na qualidade das interpretações fornecidas pelos representantes da comunidade e, por outro, na crença de que assim poderemos

comunicar ao leitor, com maior clareza e convicção, aquilo que nos foi dado perceber da análise dos dados e do contexto graciosense. Confiamos também na nossa capacidade de fazer jus às narrativas dos graciosenses que participaram neste estudo, analisando as semelhanças, diferenças, metáforas e paradoxos ou incongruências das suas narrativas sem abafar, com o nosso ruído, as suas vozes seguras e plenas de experiência e de conhecimento(s).

Capítulo III: Apresentação e Discussão dos Resultados

3.1. Qual a influência de uma atitude pessimista ou otimista na adaptação (criativa) do indivíduo ao contexto graciosense?

De certa forma, esta pergunta parte de um pressuposto óbvio: aquele que é pessimista terá maior dificuldade ou menor capacidade para desenvolver formas originais de lidar com a realidade. No entanto, a importância deste fenómeno ou sentimento é de extrema importância no contexto de uma comunidade com um acelerado ritmo de envelhecimento e de despovoamento, justificando-se assim a sua análise.

Observe-se as seguintes transcrições de duas entrevistas:

“pode já não haver uma solução de futuro (...), receio bem que tenha sido ultrapassado um certo limite inferior (...) a partir do qual qualquer ideia de desenvolvimento sustentável pode não ser possível. Muito pelo contrário, caminhar para a desertificação e para um cenário do género da nossa ilha mais pequena, o Corvo” (Leonardo);

“Pelo menos agora durante um bom espaço de gerações, não será possível trazer qualquer tipo de melhoria, nem social, nem económica, nem financeira, nem ao nível de turismo natural, não...” (Eduardo)

E agora, contraste-se com outras de índole mais otimista:

“Eu acho que é sempre possível mudar para melhor” (Beatriz);

“O que a Graciosa tem para oferecer é o futuro. Porque.... Eu acredito que a Graciosa tem futuro. Não acredito na desertificação, não acredito no abandono, não acredito num novo êxodo rural em que... eu acredito exactamente no contrário.” (Nuno)

Pela comparação das duas, torna-se claro que não está em jogo apenas a visão da realidade graciosense, mas a própria relação que se tem com ela. Aquele que não acredita no futuro de um projecto dificilmente investirá no mesmo uma parte considerável da sua energia. Podemos, então, afirmar que a atitude pessimista é também uma forma de desresponsabilização, já que de certo modo justifica a inacção. Por fim, e principalmente, é importante pelo modelo que oferece à juventude: alguém que cresça, como hoje acontece em Portugal, num país onde constantemente se repete que “não tem futuro”, é bem mais susceptível de considerar, por exemplo, um futuro no estrangeiro como hipótese viável. O jovem graciosense será certamente afectado quando vê nos pais e em outros modelos uma profunda descrença acerca do futuro da ilha. É, então, sem qualquer surpresa que se assiste, hoje em dia, a um segundo movimento emigratório, o qual tem como principal destino a ilha Terceira e ilha de São Miguel.

A atitude pessimista age então como um catalisador de um ciclo negativo iniciado no despovoamento humano do mundo rural e reforçado a nível individual pela postura negativa que daí resulta, levando ao aprofundar das dinâmicas migratórias. Para melhor o entender, pense-se no exemplo da depressão clínica: inundado de pensamentos negativos e de perspectivas pessimistas, o indivíduo chega a um estado de quase total perda de sentido existencial e, conseqüentemente, vê a sua capacidade de mobilização seriamente reduzida. A generalização do pessimismo entre a maioria dos indivíduos pode, eventualmente, criar uma comunidade avessa a qualquer ideia, a qualquer projecto, tal como o deprimido é avesso à atitude do amigo optimista que lhe tenta mostrar um mundo mais colorido. Isto é, uma comunidade onde a iniciativa e a criatividade se tornam dependentes do esforço individual de um ou outro indivíduo.

No entanto, e ao contrário do que acontece na depressão clínica ou *major*, uma boa parte dos elementos (pelo que nos foi dado ver, a maioria) desta comunidade ainda possuem a capacidade de perceber o que de melhor existe na ilha Graciosa, aquilo que é “único” neste contexto, e o engenho para construir formas de estar (práticas e rotinas) e de ver o mundo (representações, atitudes e valores) à volta das qualidades da ilha que têm como “terra-mãe”.

3.2. Qual a influência de um passado percebido como securizante/opressor na apreensão das dinâmicas actuais do contexto graciosense?

A importância deste tema fica bem demonstrada no seguinte excerto de uma das entrevistas:

“Um povo que não tem passado está condenado ao futuro, porque não há nenhum que se aguenta bem se não tiver raízes. E a raiz é o que sustenta a planta, portanto, se uma sociedade não tiver história, não tem pontos de referência” (Luísa).

A força e o acerto destas palavras serão reforçados pelos dados das entrevistas no seu conjunto, como veremos de seguida.

Foram criadas sete categorias para avaliar este ponto: *memória individual* (elementos ligados à história do entrevistado que contenham informação sobre a história da Graciosa e da sua cultura); *memória colectiva* (dados pertencentes à história oficial ou escrita da Graciosa); *memória comunitária* (dados relativos a actividades ou formas de estar colectivas da comunidade graciosense); *passado securizante* (memórias de carácter positivo, que traduzam um estilo de vida e de organização da sociedade funcional, produtivo e humano); *limitações do passado* (memórias de carácter negativo, respeitantes às dificuldades vividas no passado nos níveis pessoal, social, económico e cultural); *limitações do presente* (representações que indiquem desvantagens actuais em relação ao passado ou ao exterior); *presente securizante* (representações que indiquem vantagens do presente em relação ao passado ou ao exterior).

A análise dos dados remete-nos para as diferenças encontradas entre as diferentes gerações etárias. E, neste sentido, foi José quem melhor o soube englobar em poucas palavras, comparando a sua geração (nascida na década de 70) com as que se seguiram:

“(...) a gente foi somando as pequenas coisas gradualmente, fomos tendo uma evolução lenta, fomos evoluindo, fomo-nos adaptando, com o tempo, mas fomos adaptando-nos para melhor. Mas agora é o contrário, adaptar-se para pior, aí é mais complicado. Aí é que se dá essas revoltas, crimes”.

E, analisando as entrevistas, o dado mais evidente é a inexistência de referências às limitações do passado nos elementos da geração da década de (19) 80 (Eduardo e

Leonardo). Pelo contrário, quando se referem ao passado, fazem-no no sentido de demonstrar que, hoje, as condições (sociais, económicas e culturais) são piores:

“Eu acho que havia mais alegria e bem-estar do que há hoje. Eu acho que as pessoas eram mais gregárias do que se juntam hoje. Isso é um dos factores pelo qual eu acho que o ambiente social da ilha se deteriorou” (Leonardo).

A diferença destes dois elementos para os demais representantes da nossa amostra está mais no pendor exclusivamente negativo da análise comparativa que fazem entre o passado e o presente do que no conteúdo das críticas que elaboram (as quais são referidas, de forma mais “pontual”, em quase todas as outras cinco entrevistas).

Na análise destas duas entrevistas, entre as muitas semelhanças, poderão ser encontradas pequenas diferenças que esclareçam um pouco o efeito da percepção do passado sobre a apreensão do presente, nomeadamente, o maior predomínio de *memórias colectivas* e *comunitárias* no discurso de Eduardo (3% e 4% do total da sua narrativa, respectivamente) do que no de Leonardo (nenhuma referência). Retomando as palavras de Luísa, poderíamos dizer que a perspectiva do presente de Eduardo possui mais “*pontos de referência*” e “*raízes*”, nomeadamente culturais, o que o leva a que, mesmo fazendo as mesmas avaliações negativas que Leonardo, tenha o poder de as relativizar ou de não as perceber como absolutas. Compare-se uma citação de Eduardo com a de Leonardo referida no parágrafo anterior:

“(…) embora agora haja mais desinteresse pelos eventos sociais que eram mais marcados há uns anos atrás e que hoje em dia está tudo mais parado e quase tudo sobrevive à base da boa vontade de uma ou outra pessoa, digamos assim” (Eduardo)

O tema é o mesmo e o cariz negativo é também igualmente forte, mas a estrutura do enunciado muda: no primeiro caso, a “*deterioração*” [do ambiente social da ilha] é apresentada como predicado da frase, não havendo uma justificação para tal; no segundo caso, ao “*desinteresse dos eventos sociais*” é acrescentado um complemento que caracteriza o porquê de estes ainda “*sobreviverem*”. Dito de outra forma: a percepção negativa do presente, por parte de Leonardo traduz-se, para ele, num facto incontornável e absoluto da sua narrativa; já na entrevista de Eduardo, esta percepção é alicerçada no passado, o que lhe permite comparar os diferentes comportamentos das

duas décadas e apresentar uma razão mais palpável (“*o desinteresse pelos eventos sociais*”) para o estado actual da dinâmica sociocultural graciosense.

No extremo oposto estão a Luísa e o José, os dois representantes da nossa amostra que vivem há mais tempo na Graciosa. Embora estruturem toda a sua avaliação do presente recorrendo à percepção que têm do passado, os resultados apresentam várias diferenças, as quais resultam, principalmente, pelas prioridades identitárias de cada um: enquanto Luísa destaca nas pessoas e comunidades os valores, carácter e comportamentos com base em princípios éticos ou morais (a *identidade reflexiva* de Dubar (2006), caracterizada por uma aderência a uma ordem pré-determinada, como a religião), José considera como prioritária a capacidade de trabalho para alcançar determinados fins relacionados com a qualidade de vida (*identidade estatutária* (*ibidem*), onde o foco no estatuto profissional se ergue como sistema ordenador da hierarquia social). Assim, processos semelhantes dão origem a resultados bem diferenciados. A título de exemplo, apresentamos, de cada um, uma das representações críticas do presente:

“Hoje as pessoas viram-se irresponsáveis. É tudo por cima da cabeça. Hoje está tudo acriançado, não se vive com os pés no chão” (Luísa);

“Se houver vontade da parte deles [os jovens], [a Graciosa] tem muito para oferecer. Agora, caso contrário, eles vão atrás do facilitismo e acomodam-se e ficam toda a vida na cepa torta. Há que ter um bocadinho de ambição. E acho que, se calhar, às vezes falta muita ambição. Porque há muitas coisas que se calhar pode-se fazer” (José).

Como se pode verificar, embora estejam de acordo quanto ao essencial, abordam este tema da passividade (ou da falta de capacidade de luta) das pessoas de formas muito diferentes: Luísa refere a natureza interior infantil e irresponsável, enquanto José dirige a sua atenção para a falta de objectivos, isto é, para a pobreza da relação do sujeito com o meio envolvente, sendo o primeiro incapaz de “controlar” o segundo. Assinalada a diferença nuclear entre estas duas perspectivas, diga-se, no entanto, que elas são complementares, e não opostas. Os objectivos que possuem assumem, na prática, uma forma semelhante, embora tenham origens diferentes. Isto é, ambos valorizam a capacidade de superação do indivíduo em relação a si mesmo e às barreiras do meio onde se insere, mas divergem, em parte, no ideal de realização pessoal.

Conclua-se, então, que o conhecimento e a “vivência” da evolução histórica da ilha Graciosa influencia, embora de forma não linear, a percepção que os sujeitos têm do presente e, conseqüentemente, do futuro. No entanto, outras variáveis entram em jogo, nomeadamente a mudança do estilo de vida, a diminuição da participação associativa e/ou voluntária, o maior individualismo, o envelhecimento da população, etc.. Não devemos menosprezar estas variáveis e, de igual forma, não devemos ignorar o conhecimento histórico. A influência do mesmo é determinante de várias formas, pois, para além de conferir uma visão menos absoluta do presente, permite, ao aumentar o conhecimento do sujeito acerca da sua própria realidade, uma melhor estruturação da sua acção e da sua posição social e simbólica – mesmo nos casos em que uma maior consciência da história local leve a uma avaliação negativa das dinâmicas humanas, sociais, culturais e económicas do presente.

3.3. De que forma a percepção do isolamento influencia o bem-estar psicológico e o quotidiano dos graciosenses?

Um dos factores que mais nos surpreendeu foi respectivo à percepção do isolamento. De uma região que é caracterizada como “*duplamente ultraperiférica*” (Espínola, 2010; p. 73) era de esperar que o isolamento fosse um dos principais factores causadores de *stress* ou de insatisfação. No entanto, não foi o que verificámos. Foram criadas três categorias para distinguir as diferentes formas de perceber o isolamento: *isolamento como limitação* (percebido como barreira à acção ou à liberdade dos indivíduos); *isolamento residual* (visto como pouco influente); *novas comunicações* (o papel das mesmas na redução das barreiras criadas pelo isolamento). Apenas quatro participantes expuseram, no seu discurso, problemas relacionados com a primeira categoria, totalizando 29 referências (18 das quais feitas por um participante apenas: Leonardo). Pelo contrário, no total das duas categorias restantes, foram feitas 28 referências (14 em cada uma) e todos os sujeitos da amostra referiram-se a pelo menos uma delas. Não tendo sido um resultado esperado, importa perguntar o porquê da fraca relevância do isolamento numa ilha com pouco mais de quatro milhares de habitantes e com aproximadamente 62 Km² de área. Veremos, assim, que o isolamento “geográfico” é uma preocupação “menor” para a maioria dos entrevistados.

O primeiro dado relevante advém do facto de que apenas os dois elementos mais jovens da nossa amostra (Leonardo e Eduardo) vêm de forma consistente o isolamento como limitante, indicando que a idade poderá ser uma variável moderadora. Das 29 referências nesta categoria, 23 pertencem a este sub-grupo. Leonardo é claramente aquele que se sente mais afectado, estando 20% do seu discurso directamente relacionado com este tema. A explicação é, ao mesmo tempo, simples e complexa. Primeiro, e como ele afirma, ficar na Graciosa “*seria uma derrota para mim*”, levando-nos a aceitar que a percepção desta barreira é maior porque, ao contrário de todos os outros sujeitos da amostra, o Leonardo é o único que não se encontra na Graciosa por vontade própria, mas sim devido “*a factores económicos*” (Leonardo).

No entanto, torna-se complexa pela racionalização e difusão deste tema ao longo de todo o seu discurso. Quando alguém nos descreve indivíduos com “*um certo sentimento Açoriano depressivo (...), [que] confinados a um espaço tão pequeno, a sua mente tende também a definhar*” ou fala-nos da autonomia como “*isso aqui não existe. Aqui somos formatados. Há muita pressão sobre os membros aqui da sociedade para se comportarem de maneira que o grupo ache aceitável*”, entre outras expressões de forte pendor negativo, somos inevitavelmente levados à procura de razões que expliquem esta forma de sentir e de perceber a realidade. Assim, qual é a natureza da causa? É interior ou pessoal? Ou, pelo contrário, é social, sendo estas afirmações sobre o isolamento um sintoma das estruturas comunitária, cultural, política e económica opressivas? É nas próprias palavras de Eduardo que devemos começar a procura, já que o próprio nos dá “pistas” em ambos os sentidos. Em primeiro lugar, a própria dureza do seu discurso possui, inevitavelmente, o potencial de criar uma certa animosidade com o resto da comunidade, seja porque esta o julgue como ameaçador ou como “arrogante”, seja porque a própria solidez dos seus pressupostos o tornam pouco propenso a fazer concessões. Giddens (1996) sugere ainda uma outra alternativa: os indivíduos que não conseguem reprimir ou abstrair-se dos perigos criados pela organização da sociedade que estão fora do seu controlo são, geralmente, considerados como inconvenientes pelas outras pessoas quando em contexto social ou informal.

Por outro lado, quando Leonardo diz que está “*(...) um pouco como uma ilha: a ilha é isolada e eu estou isolado dentro da própria ilha*” faz despertar os nossos sentidos para outras situações semelhantes à sua. Um dos temas abordados no

enquadramento teórico e nas entrevistas (Eduardo, Leonardo e Luísa) foi a existência de uma forte organização social onde as famílias e comunidade se influenciavam reciprocamente, com as primeiras a terem uma forte influência sobre toda a estrutura social. Isto é, apontavam as famílias do topo da hierarquia social como tendo uma influência negativa devido ao travão que colocavam à implementação de um sistema baseado na meritocracia.

Para além destes dois sistemas (família e comunidade), o grupo de amigos é de grande importância. Estes tendem a possuir uma grande estabilidade dos membros que os compõem e, sendo a “vida social” uma das características determinantes do modo de ser e de estar graciosense, o grupo a que cada um pertence acaba necessariamente por assumir grande importância devido às relações de grande proximidade que se estabelecem. Neste sentido, Leonardo, bem como outras pessoas, acabam por ser vítimas desta organização social em grupos, isto é, ficam colocados à margem dos grupos etários a que pertencem, devido ou a um perfil psicológico demasiado diferente da norma grupal ou a interesses e formas de estar incompatíveis.

Um dos méritos de Elias (1994) e de Moscovici e Doise (1994) foi o de demonstrarem que os grupos funcionam sempre com uma certa dose de exclusão. É um fenómeno inerente à própria formação e manutenção do grupo. Desta forma, poder-se-ia dividir os grupos “informais” como os de “grande” e os de “pequena” dimensão. Os indivíduos menos integrados nos grupos de maior dimensão acabam, habitualmente, por se unirem entre si (não sendo anormal os grupos com esta origem possuírem apenas dois elementos), constituindo um sistema fechado, ou, alternativamente, criam laços apenas com alguns dos elementos dos grupos maiores. Neste último caso, a pertença ao grande grupo pode ser negada pela acção daquele – levando ao sentimento de abandono sempre que, por exemplo, são organizadas actividades sociais em que o elemento “outsider” não é incluído, isto é, em que lhe é negado o estatuto de membro – ou por opção própria do indivíduo, por este não se identificar com o grupo, podendo esta situação levar a um certo isolamento social ou à ausência de um sentimento psicológico de comunidade. No entanto, esta última situação, comparativamente com a anterior, é potencialmente menos nociva na medida em que pode haver uma maior agilidade por parte do indivíduo em dedicar-se a outras áreas, sejam elas sociais (por exemplo, estabelecendo uma forte ligação com a família) ou não (como pode ser o caso do

emprego ou de qualquer outra ocupação que tenha uma valência sentimental positiva para o indivíduo). É nesta situação que, pelo que é possível verificar no seu discurso, se encontra Leonardo. Excluído por não se identificar com a maioria dos membros do seu grupo etário. Não havendo um sentimento de rejeição, há, no entanto, a falta quer de modelos orientadores, quer de camaradagem, essenciais a todo o homem e mulher.

Bourdieu (1997b), como já foi referido antes, ajuda-nos a perceber de que modo se formam, se mantêm e se distinguem os diferentes indivíduos e as diferentes classes *sócio-lógicas*. Podemos então descrever este processo de diferenciação pela posição que tomam no espaço social os agentes ou grupos de acordo com duas dimensões: (1ª) a estrutura do seu capital, isto é, a quantidade que possuem de cada um dos vários bens valorizados pela sociedade, sendo os mais comuns os capitais económico, cultural e político; (2ª) o volume total de capital. Sendo que “*o espaço das posições sociais retraduz-se num espaço de tomadas de posição por intermédio do espaço das disposições (ou dos habitus)*” (*ibidem*, p. 9), temos que, numa comunidade tão pequena e isolada como a graciosense, o desvio de um indivíduo ou grupo em relação à norma no que toca à sua posição nas duas dimensões e, principalmente, nas suas práticas e bens que possui, resulta inevitavelmente num conflito social que tanto pode resultar numa nova dinâmica ou estrutura, como também na exclusão social.

Eduardo e Leonardo, percebendo o perigo desta posição, tendem a adoptar uma postura defensiva, não só através da afirmação das dificuldades que existem em “*iniciar algo novo*” devido às barreiras colocadas pelos outros grupos já estabelecidos em posições de poder na comunidade (Eduardo), como também pela própria inibição da acção, negando (quase) totalmente a possibilidade de inovar ou de ir contra a orientação geral da comunidade, como demonstram as seguintes passagens da entrevista de Leonardo (ênfase nossa):

“Aqui somos formatados. Há muita pressão sobre os membros aqui da sociedade para se comportarem de maneira que o grupo ache aceitável.”

Sim, pode acontecer [a introdução de mudança], embora as lógicas de poder das principais instituições da ilha sejam muito perversas. Estão dominadas pelos partidos, não querem muito... não querem gente a fazer coisas diferentes. Não querem gente a desestabilizar o que já está imposto. Querem que as coisas continuem como estão. Não querem muito alarido.

“Portanto, tudo aqui funciona de uma maneira amadora, mais ou menos amadora. Enquanto ninguém se opõe a isso, as coisas funcionam mais ou menos dessa maneira. Se há alguém que se atreve a querer confrontar esse estado de coisas, vai inevitavelmente sofrer as consequências, portanto todos vão ficar contra essa pessoa, e muito provavelmente essa pessoa tem que abandonar a ilha.”

Acrescente-se apenas que dizer que se trata de uma postura defensiva não é o mesmo que afirmar que estamos perante processos irracionais, nem tão pouco que se trata de uma estratégia desadequada. Arriscar pode produzir mais frutos, como também resultar da forma oposta. Trata-se de um balanço difícil de gerir e cada indivíduo, de acordo com os seus objectivos, representações sociais e formas de estar, adopta a atitude que mais o favorece. A verdadeira questão está na presença ou não de um equilíbrio destes posicionamentos, quer a nível individual, quer a nível comunitário, ou seja, se existem na comunidade diferentes posturas e atitudes que a enriqueçam e dinamizem.

Compare-se estas duas narrativas com a de Luísa. Embora também critique os “favoritismos” existentes na comunidade graciosense, chegando mesmo a afirmar que “quando há pessoas escolhidas os outros metem-se em casa e não aparecem e depois não defendem o seu território”, o seu percurso de vida, por si só, é a prova de que é possível uma posição diferente daquela assumida por Leonardo e Eduardo. Na sua forma característica de “fazer frente a tudo”, afirma que “se alguém [pensa] que me cortar os pés vai fazer com que eu desista, tire o cavalinho da chuva que não chega lá” (Luísa). Concluímos, então, que embora os processos da sociedade graciosense tenham algumas características que dificultem a integração de determinados indivíduos ou grupos, não podemos defender que os mesmos impossibilitem toda e qualquer acção por parte dos afectados, pelo contrário. O que é necessário não é acusar ou denunciar, mas sim incentivar o questionar contínuo tanto das formas de agir da comunidade e do indivíduo, no geral e no particular, como dos “princípios geradores de práticas distintas e distintivas” (Bourdieu, 1997b; p. 9) presentes e possíveis. Isto é, não tomar como garantidos quer os comportamentos, quer as razões que os justificam. Este questionar – o abrir as portas ao conflito – não deve limitar-se à crítica, mas sim ter sempre como objectivo a procura de novas formas de estar e agir potencialmente mais funcionais. Adequa-se de sobremaneira o que Giddens (1996) diz sobre a importância da confiança:

“No seu sentido mais profundo, a antítese da confiança é (...) um estado de espírito que se poderia resumir melhor como ansiedade existencial ou medo.” (p. 71)

Em nosso entender, e pelo que nos foi dado ver pelas entrevistas, um dos grupos seriamente afectados pelo *isolamento social* é o dos jovens em idade escolar. Se por um lado, tal é devido à sua marcada tendência para se organizarem num grupo fechado, é igualmente certo que não parece haver vontade, por parte das outras gerações, para mudar esta situação. Pelo contrário, a ideia geral sobre a geração mais jovem é a de que vai *“(...) decaindo, de ano para ano”* (Luísa), *“(...) que têm menos interesse (...)”* (Eduardo), *“(...) que está demasiado refugiada nas substâncias e no abuso de substâncias (...)”* (Leonardo), *“(...) que vão atrás do facilitismo e acomodam-se (...)”* (José), *“(...) que não conseguem dar o salto em frente”* (Nuno), *“(...) que são eles que se mandam e sabem tudo”* (Luísa) – à excepção de Bruno, todos têm algo de negativo a dizer sobre a juventude actual. A última citação, que indica que os jovens não respondem a nenhuma autoridade, é bem relevante da inexistência de controlo ou orientação exercidos por parte das gerações mais velhas. Tudo parece passar-se como se não fosse necessário qualquer estímulo para ajudar os mais jovens a explorar e a investir. Estes, como resultado, parecem viver uma moratória (Erikson, 1976) como um fim ou como uma forma de estar, e não como um meio para atingir um objectivo futuro. Segundo Arendt (2000), *“dizer que os adultos abandonaram a autoridade só pode significar uma coisa: que os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo em que colocaram as crianças.”* (p. 44)

Neste contexto, apenas José parece tentar responder de forma consistente à crítica generalizada, colocando o ónus da responsabilidade na forma de educar, tanto da escola como da família. Segundo ele, a primeira devia *“começar a falar mais (...) na parte da agricultura, na parte social, na formação social”*, e a segunda deve *“preparar os jovens para eles serem responsáveis”*, sendo destas duas instituições a responsabilidade de orientar os jovens. Fora este bom exemplo, concordamos com Beatriz quando esta afirma que *“dá a sensação que os pais em casa lhes dizem que eles têm que tirar uma profissão que dê dinheiro, que tenha saída”*. Na Graciosa, onde se centraliza a produção num único sector (pecuária), também se parece educar de uma

única forma (para o sucesso académico, de forma a ter “*uma profissão que dê dinheiro*”), estando as duas em dissonância. É preciso dar (ou, como Luísa o coloca, “*dar-se*”) e exigir mais dos jovens, não em termos produtivos ou quantitativos, mas sim na qualidade do envolvimento destes com a comunidade e com o seu contexto, o que só pode acontecer por acção das gerações com responsabilidade de os educar.

A centralização da educação no sucesso escolar ou académico tem outro efeito perverso. Sendo o espaço social graciosense organizado não apenas em torno do *capital económico e cultural*, mas também do *político* (Bourdieu, 1997b) ou familiar, o jovem que sai da Graciosa para tirar um curso ou uma formação superior, ao voltar, vê-se confrontado com uma organização social onde os detentores de capital escolar têm dificuldade em fazer valer esse mesmo atributo, fenómeno que cada vez mais se assiste, nos dias de hoje, a nível nacional e global (devido à desorganização da oferta de formações superiores e, principalmente, à degradação cada vez mais visível do mercado de trabalho), mas que na Graciosa (e nas pequenas comunidades em geral) apresenta uma maior visibilidade e, logo, uma maior influência nas representações sociais dos indivíduos e grupos. Como já foi dito, a sociedade não impossibilita a integração do indivíduo, mas as dificuldades que pode criar têm o potencial de levar estes jovens a equacionar outras soluções. Eduardo é desta opinião, explicitando que “*uma vez que é um meio muito fechado (...) isso influencia a vinda para cá de pessoas que não têm vontade de lidar com essas situações de pessoas sem formação, que serão, basicamente, os padrões*”.

Para além do isolamento social que, como vimos, pode resultar de factores pessoais e/ou sociais, e que se agrava quando ambos contribuem de forma negativa, o isolamento foi também referido nas entrevistas, como existindo a nível *profissional*, por exemplo, devido à “*dificuldade em obter acesso a algumas coisas, e muito maior dificuldade em [relação aos] prazos*” (Eduardo), *psicológico*, quando provoca transtorno, por exemplo, devido à necessidade de “*sair daqui de vez em quando (...) para visitar outros lugares*” (Nuno), *etário*, pela existência de um “*défice na ilha de pessoas*” resultante da “*saída dos jovens*” (Eduardo), *familiar*, pela dificuldade em, por exemplo, “*deixar o filho ir estudar fora, com 15 anos, para os pais não é fácil, nomeadamente para as mães que não querem deixar as suas meninas ir estudar para fora*” (Beatriz) e, por fim, *político-económico*, já que se trata de “*um mercado muito*

pequeno e não há hipóteses que as pessoas tenham gostos diferenciados” (Bruno), e “acabamos por ser vítimas de um sistema económico que não se importa muito (...) com sítios pequenos e (...) acabamos por ter uma economia muito dependente do governo, do mercado, dos subsídios”.

Nesta última forma que o isolamento assume, poderíamos comparar a Graciosa, num mundo globalizado, a uma garrafa a boiar no meio do mar, a qual está não apenas dependente, em grande medida, das direcções das correntes, como também em permanente perigo de se afundar. Este estado de dependência pode agir contra a iniciativa e o envolvimento de sujeitos que pouco ou nenhum poder decisivo possuem quanto às políticas que influenciam o seu contexto. No entanto, nas condições certas, a mesma garrafa pode percorrer vários oceanos e chegar incólume a terra. Nas pequenas comunidades, a acção concertada dos indivíduos é mais comum do que, por exemplo, numa grande cidade, já que os interesses dos mesmos se cruzam e influenciam reciprocamente de forma directa e visível. Esta agência, que é em si mesma um acto político, ajuda a manter a estrutura social e a resistir a “ataques” de políticas ou de organizações sociais e económicas prejudiciais quer ao indivíduo, quer às periferias, quer, por fim, às comunidades “isoladas”.

Existe também um isolamento positivo, a que poderíamos chamar *turístico* ou *preservacionista*, sentenciado por Beatriz da seguinte forma: “*Eu moro onde as pessoas costumam passar férias*”. Além deste, o isolamento do exterior pode ser positivo em certas áreas profissionais, como foi referido por Nuno, seja pela ausência de concorrência, seja pela receptividade das pessoas em relação a determinados produtos ou conteúdos.

Concluimos, então, que embora o isolamento não seja visto como importante por uma boa parte da nossa amostra, ele é sentido por todos. Por exemplo, é importante referir que a capacidade ou o poder de cada indivíduo, grupo ou família para sair ocasionalmente da ilha é um forte indicador da qualidade de vida para a nossa amostra (tendo sido referido por diversas vezes e sempre sem qualquer indicação do entrevistador nesse sentido), sendo por aí que se compreende que, pese embora haja ligação aérea todos os dias da semana, excepção feita ao domingo na época baixa, um

dos grandes temas políticos – como também uma das maiores queixas da população em geral – continue a ser o da necessidade de aumentar a frequência deste e de outros meios de transporte (tendo os marítimos especial influência a nível económico). Do lado mais negativo, o isolamento social, especialmente quando associado à percepção do isolamento geográfico, pode ser fonte de grande desespero, especialmente entre os mais jovens. Um dos pontos que fica por responder é o da percepção do isolamento por parte dos que ainda se encontram a frequentar a escolaridade obrigatória. Segundo Beatriz, os jovens nesta situação “*queixam-se que têm pouco com que se entreter, mas eles não são específicos*”, deixando em aberto as suas razões ou necessidades que não conseguem realizar naquele contexto.

Do lado mais positivo, o isolamento pode constituir-se como um importante elemento de uma certa forma de estar, um “modo de vida”, conferindo ainda alguma protecção frente ao ritmo “implacável” da urbe e, em último caso, como barreira à desregulação económica extrema, causa principal de exclusão social nas grandes metrópoles.

3.4. Qual a influência das transformações da sociedade resultantes da modernidade e da globalização nas dinâmicas psicológicas e sociológicas da comunidade graciosense?

Embora este tema não tenha sido incluído de forma directa no guião da entrevista, acabou por ser sempre abordado, de uma forma ou de outra, pelos vários representantes da comunidade que participaram no nosso estudo. De facto, a sua presença era incontornável, já que a própria orientação do guião em termos temporais (do passado para o presente, e deste para o futuro), criou um contexto favorável para que surgissem diversas representações ligadas às transformações psicológicas e sociais ocorridas no passado recente, principalmente nos últimos trinta anos.

O tema da destradicionalização, ou dos efeitos positivos e negativos da modernidade foi já amplamente discutido por diferentes escolas e autores (Baudrillard, 2010; Bauman, 2001; Beck, Giddens & Lash, 1997; Giddens, 1994, 1996; Lipovetsky, 1989; Weber, 2005). Considerámos importante discuti-lo por duas razões: por um lado,

a partir dos próprios discursos dos actores sociais, temos a oportunidade de perceber que influências são consideradas significativas entre as mudanças que ocorreram na sociedade e nos indivíduos que a compõem, e, de forma ainda mais particular, o efeito e repercussão que as mesmas tiveram nesse contexto a nível individual, social, económico e cultural; por outro, as diferenças entre uma sociedade tradicional ou pré-moderna e uma moderna podem ser observadas com uma maior clareza já que, na Graciosa, esta evolução acontece num intervalo de tempo muito curto (desde a década de (19) 80 para cá). Ou seja, tanto o método utilizado na recolha de dados como as características do próprio contexto justificam uma abordagem ao tema.

No cerne desta questão está a homogeneização de formas de estar e de posicionamentos sociais e íntimos. “*Nós estamos a transformar-nos mais naquilo que são os outros nos outros sítios*” (Nuno), isto é, as identidades locais tendem a desvanecer-se por intermédio da globalização e dos mecanismos de descontextualização (Giddens, 1994, 1996). Os estilos de vida deixam de estar ligados ao local, passando a ser definidos no âmbito do projecto *reflexivo do self* (Giddens, 1994), onde o local é um meio para, um ponto de passagem, e não um elemento central ou nuclear. No entanto, esta descontextualização não deve ser vista como absoluta, mas sim como parcial, não sendo então de surpreender que Luísa diga que “*mesmo assim, ainda há diferença do que se vê aí para fora*”, referindo-se às qualidades humanas dos graciosenses por comparação com o “*homem da cidade*”.

A posição social e humana do graciosense de hoje, de um ponto de vista negativo, é descrita como individualista (Eduardo, Leonardo, Luísa e Nuno), consumista (José, Luísa e Nuno) e materialista (Luísa e Nuno), corrupta a nível político e cultural (Eduardo e Leonardo) e apática (Leonardo). A maior abertura (em termos morais) (José), equilíbrio (proporcionados pela qualidade de vida e pelo menor isolamento) (Nuno) e hospitalidade (Beatriz), resumem os aspectos positivos que possam ser associados às transformações sociais ocorridas. Neste contexto, quais são, a um nível mais específico, as diferenças indicadas pelos representantes da nossa amostra na vida em sociedade, e quais as causas percebidas?

As principais diferenças percebidas variam em função da idade dos representantes. Os mais jovens representantes da nossa amostra (Eduardo e Leonardo)

apontam mudanças (sempre de cariz negativo) a nível social e político. No primeiro, referem o declínio da participação nos eventos sociais (constituindo-se os “Bailes de Carnaval” como o exemplo mais citado) e nas associações culturais, o qual seria reflexo de um “*desinteresse completamente desinteressado*” (Eduardo) por parte das pessoas. A nível político, o desinteresse, aliado ao individualismo, transforma-se em estagnação: os políticos “*que estão no poder protegem-se, protegem os familiares, os amigos, as pessoas mais próximas, e não estão nada preocupadas com o desenvolvimento da ilha*” (Leonardo), e embora “*toda a gente saiba [e] toda a gente critique*”, fazem-no sempre “*de boca fechada*” (Eduardo).

Os dois apontam, como causas, essencialmente o declínio demográfico e o envelhecimento da população, que resultam num “*sentimento de ausência de futuro, e já que não há futuro, quer dizer que tudo é permitido*” (Leonardo). De forma menos pronunciada, referem as novas tecnologias (televisão, *internet* e videojogos, entre outras) como parte responsável pelo menor envolvimento social e uma “*visão idealista*” do que há fora da ilha como razão para algum do descontentamento entre a população.

Para Luísa, representante mais velha da nossa amostra, são fundamentalmente as qualidades humanas que estão hoje em falta, em resultado de uma orientação das pessoas “*pelo ter*” e não pelo “*ser*”, consequência da excessiva ambição do homem, o qual, “*se não se contentar com aquilo que tem, vive sempre insatisfeito*”. Daqui resulta uma grande “*irresponsabilidade*” por parte das pessoas e uma incapacidade de viver “*com os pés no chão*”. Identifica a chegada da televisão como momento a partir do qual a Graciosa passou a fazer parte de uma “*aldeia global*”, resultando numa homogeneização geral: “*estamos quase todos iguais*” (*ibidem*). A partir deste facto, refere ainda um paradoxo: uma maior igualdade de oportunidades e de condições de vida tornou as pessoas menos humildes e mais egoístas. E conclui este conjunto de ideias apontando a diferença entre “*dar*” e “*dar-se*”, favorecendo o último. De especial importância está o facto de ser a única a ter proposto soluções: o que é preciso é de pessoas que tenham amor à sua terra (privilegiando, assim, a população “nativa”) e de uma educação orientada para o desenvolvimento deste sentimento, opondo-se ao fecho das escolas primárias locais, ao facilitismo e aos subsídios que o governo dá a quem não produz nada (ideia partilhada por José).

Os efeitos da modernidade e da globalização parecem-nos incluídos de forma mais equilibrada na geração intermédia, que nasceu ou cresceu numa Graciosa bastante diferente da actual, e que foi acompanhando de perto as mudanças que foram ocorrendo na sociedade graciosense e no Mundo em geral. É também nesta faixa que se encontram as opiniões mais optimistas. Se Bruno e Beatriz focam-se em temas particulares (economia e educação, respectivamente), José e Nuno abordam de forma mais geral o tema da modernidade e da globalização, chegando os mesmos a serem centrais nos seus discursos. Analisaremos, de seguida, as suas semelhanças e diferenças.

Uma das diferenças mais curiosas está no facto de José ter uma atitude positiva em relação ao presente mas apresentar algumas dúvidas em relação ao futuro, ao passo que Nuno percebe a realidade de forma inversa. Este último afirma que “*nós [graciosenses] acabamos por ser um pouco vítimas desta globalização (...) em termos de individualismo: cada um pensa mais em si do que nos outros porque começa a deixar de ser reconhecido o trabalho social*” e acrescenta que “*hoje em dia (...) somos vítimas de uma sociedade que o que interessa são os bens económicos*” (Nuno). Refere-se, deste modo, ao individualismo e ao predomínio da vertente económica como os grandes responsáveis pelo declínio na Graciosa de uma sociedade mais orientada para o outro, para o bem do grupo como um todo. Aproxima-se então da posição de Luísa, utilizando significantes diferentes para os mesmos significados. Sobre o futuro, reconhece os perigos que, na generalidade, todos referem (fundamentalmente, o despovoamento e o envelhecimento da população), mas logo de seguida afirma que não acredita que “vá por aqui” (*ibidem*), isto é, não acredita no aprofundar do êxodo rural, mas sim na inversão deste movimento. Faz assim lembrar Giddens (1994) quando este se refere à confiança básica como sendo um *princípio de irrealidade*, pois permite ao sujeito ignorar riscos e perigos, agindo como um *casulo protector* – o qual assume um papel determinante na vida quotidiana do indivíduo, resguardando-o do medo, da dúvida ou da angústia paralisante.

Para José, não estamos perante a destruição de valores e hábitos sociais: se estes estão em declínio é porque “*o modo de vida mudou (...), antigamente não era uma sociedade de consumo: produzíamos pela sobrevivência (...), hoje a gente vive*”, acrescentando que “*as pessoas, com tudo o que têm, metem-se em casa e fecham-se*”. Concluindo, no entanto, que “*quem quer ainda pode conviver*”. Embora José não veja o

consumismo como inerentemente positivo, reconhece as vantagens que o mesmo trouxe para o quotidiano e qualidade de vida. Para ele, o “lado negro” do consumismo advém da sua fonte, já que não está sustentado pelo que se produz na ilha, mas sim “*no que o Governo dá (...) para que as pessoas não produzam nada*” (José), processo que diz ser agravado pelos interesses economicistas da União Europeia e pela falta de fiscalização. (Este processo de exteriorização da responsabilidade pode também fornecer ao indivíduo a confiança básica necessária para o seu quotidiano, pese embora, em casos extremos, possa resultar de forma oposta, impedindo o indivíduo de enfrentar o problema nas suas várias frentes e não apenas nas mais visíveis). Sobre o futuro, é a falta de mão-de-obra que surge como principal preocupação, aliada a uma cultura de facilitismo e à deficiente orientação vocacional da juventude, já que “*parece que o objectivo principal de toda a gente é ir para medicina*” (José).

Como explicar esta disparidade de posições? Dizer que existe uma nova forma de estar é dizer que a relação com o Mundo e com o local, alterou-se: a economia de subsistência deu lugar a uma sociedade de consumo, como José, Luísa e Nuno referem. O próprio espaço social graciosense alterou-se com a perda de metade da sua população no espaço de meio século (1960-2010), acentuando assim o declínio do sector produtivo (no que toca à produção cerealífera) e da vida social e cultural. Cada geração percepção e relaciona-se com o mundo de formas diferentes ou até divergentes. Para os mais jovens, que cresceram numa ilha onde predomina a segurança económica aliada à coesão social (com a consequente pressão que exerce sobre o indivíduo), deparam-se hoje com uma elevada insegurança a nível laboral e com conflitos sociais crescentes. Com pouca oferta disponível no mercado de trabalho, cresce a revolta contra aquilo que eles entendem como estagnação política, social e cultural. No extremo oposto, mas com uma opinião igualmente negativa, as gerações mais velhas sentem que os alicerces do mundo onde cresceram foram esquecidos, sendo bem expressiva a afirmação que hoje “*não se vive com os pés no chão*” (Luísa).

Entre estas duas gerações está aquela que teve a oportunidade de melhorar radicalmente a sua qualidade de vida e que, assim, possui todas as condições para aproveitar o que a ilha tem para oferecer levando-a, consequentemente, a produzir um

discurso completamente diferente, no qual a vida na Graciosa “*é o melhor que se pode ter*”, pois “*quem tem facilidade, o seu emprego e o seu trabalho (...), se quiser, pode viajar, pode sair*” (José) (ênfase nossa), “*temos imensas desvantagens, mas acabamos por ter vantagens tão importantes, tão importantes que não dá para trocar*” (Nuno). Mas que agora, em situação de crise, que a obriga a repensar vários aspectos, começa a estar cada vez mais consciente das contradições, falhas e perigos com que se defronta, e “*com o carro a deixar rolar, para ver o que é que vai dar*” (José), espera que a descida não seja vertiginosa, isto é, continua na esperança de que a situação económica e social encontrem um novo equilíbrio num curto espaço de tempo pois, caso tal não aconteça, a sua situação (a da classe média) corre o risco de se deteriorar de forma definitiva.

Todos acreditam que o futuro será mais difícil. Todos olham para o futuro com um certo receio, chegando, nalguns casos, à quase total desesperança. Se por um lado, como já foi dito, o pessimismo opõe-se à acção, por outro, esta consciência das dificuldades que estão por vir pode ser um meio de preparação para as mesmas. A mudança, de forma tão célere, de uma sociedade pré-moderna para uma moderna trouxe vários desafios, para os quais nem sempre foi dada a melhor resposta. Num meio social pequeno, “*avesso à mudança*” (Nuno), esta adaptação parece ter falhado em algumas áreas. No entanto, os graciosenses parecem estar “*conscientes (...) que é necessário mudar, não sabem o quê, mas é preciso mudar algumas coisinhas*” (Nuno).

O essencial, parece-nos, não está numa resposta em particular que melhor servisse o interesse de todos, mas tão só na rejeição da resignação ou do derrotismo. Para tal, poderá ser necessário substituir o sentimento de segurança, proporcionado por um contexto isolado e, de certa forma, conservador, por um sentimento generalizado de confiança: no entender de Luhman, “*um indivíduo que não considere alternativas encontra-se numa situação de segurança, enquanto alguém que reconheça essas alternativas e tente contrariar os riscos deste modo reconhecidos, revela confiança*” (cit in Giddens, 1996; p. 22). A nível social, realce-se que

“o reverso da deslocalização é a recontextualização. Os mecanismos de descontextualização retiram as relações sociais e a troca de informação de contextos espaço-temporais específicos, mas ao mesmo tempo proporcionam novas oportunidades para a sua reinserção” (Giddens, 1996; p. 99).

3.5. O que significa a pertença à Graciosa?

Tal como muitas comunidades rurais, a Graciosa sofre com o fantasma do despovoamento. Isolada pelo mar, o factor humano assume especial importância, seja pela rede social densa, seja pelo historial de entre-ajuda e cooperação, seja pelo simples facto de que as mesmas pessoas estão “sempre” presentes. De tal forma que a agenda dos seus membros é organizada segundo o calendário de eventos sociais, e o seu quotidiano orientado para a presença do outro, para o convívio social. Logo, a diminuição da população reflecte-se, de uma forma muito negativa, no bem-estar de todos os seus habitantes, seja porque perdem amigos ou familiares, seja pelas adaptações sociais, culturais e económicas a que obriga.

Entre 2001 e 2011, a Graciosa perdeu 8,1% da sua população (menos 387 habitantes), passando a contar com 4393 habitantes (Censos 2011). São menos pessoas que se vêem na rua, nos bailes, no Verão, no café onde se reúnem os amigos todos os dias. O espaço social torna-se menos dinâmico, ao mesmo tempo que as casas são “mobiladas” com a última tecnologia, tornando-se mais atractivas. Como analisámos aqui, para além da preocupação com a depressão demográfica e com os novos estilos de vida mais individualistas, que se mutam numa preocupação generalizada com o futuro, viver na Graciosa é hoje (quase) completamente diferente do que era há cinquenta anos atrás. A qualidade de vida aumentou, o isolamento tornou-se mais suportável, embora seja, aparentemente, ainda difícil de aceitar pelos mais jovens. Com o acesso à “informação”, o graciosense dirige o seu olhar para fora do seu espaço físico, aumentando assim não apenas um sentimento de pertença mais global, mas também a consciencialização das semelhanças e diferenças em relação a outros locais e a outras pessoas ou comunidades. Nesta visão mais abrangente de si próprio, acaba por reconhecer novas vantagens, talentos e qualidades, mas também novas falhas, barreiras ou limitações. Por isso, resolvemos perguntar nas entrevistas o que significava “ser” graciosense. De que forma(s) é vivida esta pertença?

De certo modo, procurámos levar os membros da comunidade que participaram no nosso estudo a finalizarem as entrevistas com uma reflexão geral sobre a identidade do seu povo, a sua forma de estar e as suas características mais marcadas.

Acabámos por verificar, sem ter sido essa a intenção inicial, que os membros mais jovens da comunidade parecem evidenciar um quase completo desprendimento em relação ao seu contexto até ao final da escolaridade obrigatória. Essa falta, inevitavelmente, repercute-se nas atitudes presentes, ao ponto de Eduardo afirmar que “*ser graciosense na Graciosa não tem sentido nenhum*” – indicando que apenas possui significado a título de curiosidade para alguém que não é das ilhas –, e de Leonardo acrescentar que “*o açoriano quer ver-se livre da ilha, quer experimentar uma coisa nova. Sente-se sufocado (...)*”. No discurso dos dois, repetem-se as frases com esta valência negativa, evidenciando uma atitude bastante crítica e, ao mesmo tempo, um certo desapego em relação ao seu contexto. No entanto, ambos se mostram ansiosos por oportunidades de agir e contribuir para a sua melhoria. É esse, implicitamente, o seu objectivo: participar. Mas as limitações a essa acção são vistas como totalmente proibitivas. Não nos foi dado perceber se é a atitude negativa que possuem que os impede de criar respostas criativas, ou se é a percepção da acção “castradora” da sociedade que os levou a radicalizar posições e à crítica de teor político mas que não abdica do distanciamento. É, contudo, um dos principais problemas com que se depara a Graciosa: seja ele visto como falta de motivação ou de iniciativa, da parte dos jovens, como falta de oportunidades e de exigência, por parte da sociedade, ou como um pouco de ambas, necessita de ser abordado de forma séria e construtiva, sem preconceitos e estereótipos que apenas tendem a reforçar as dinâmicas presentes.

Nas restantes entrevistas, viver na Graciosa é “*o melhor que se pode ter*” (José), é ter uma “*vida simples, de alguma forma pacata (...), agradável (...), sem grandes sobressaltos, mas uma vida muito condicionada (...) pelo sistema económico em que vivemos*” (Nuno), pautada pelo “*bom ritmo da Graciosa*” (*ibidem*) e pela não subjugação da mesma ao *stress*, já que “*nós podemos arranjar uns stressezinhos aqui e acolá, mas somos nós que os fazemos por necessidade de criar alguma animosidade*” (*ibidem*). Vemos aqui uma descrição onde o factor temporal está sempre presente. Giddens (1996) propõe que em condições da modernidade o tempo é estandardizado e uniformizado, o que o leva a perder o seu sentido prévio, o qual pressupunha uma profunda ligação ao espaço (e ao lugar). Mas como o próprio explica, tal separação não é um processo unilinear, mas sim dialéctico, assumindo, ainda, um papel crucial para o extremo dinamismo da modernidade já que: (1) é condição básica do processo de

deslocalização; (2) fornece os instrumentos para a organização racional da vida social moderna; e (3) sustenta a apropriação de um passado unitário. Pelo menos nos dois primeiros pontos, a organização social da Graciosa é bem diferente daquela apresentada por Giddens como característica da modernidade:

“O separar do tempo e do espaço, e a sua constituição em dimensões “vazias”, estandardizadas, corta transversalmente as ligações entre a actividade social e a sua “contextualização” nas particularidades dos contextos de presença” (Giddens, 1996, p. 14)

A existir este “corte” no nosso contexto (a ilha Graciosa), ele é, quando muito, parcial e “superficial”. As actividades sociais continuam a estar contextualizadas “nas particularidades dos contextos de presença”. O que aconteceu foi que – para além do papel dos *media* – estas passaram a ter a “concorrência” do espaço íntimo, isto é, as fronteiras entre o espaço íntimo e o espaço público ficaram menos permeáveis, como parece indicar José na sua distinção entre a maior “comodidade” da vida íntima e o espaço social que subsiste sob formas semelhantes às que havia no passado. Quanto ao segundo ponto, todas as respostas dadas pelos representantes apontam na direcção contrária: a vida social da Graciosa não se estrutura em torno de uma organização racionalizada. Claro que o aumento do sector terciário levou cada vez mais pessoas à disciplina do horário laboral, mas se a compararmos ao trabalho exigido por uma economia de subsistência – e aos mecanismos de controlo e estruturação do tempo que aí se utilizam –, somos obrigados a relativizar esse dado. E, reforçando esta posição, o tempo laboral assume, neste contexto, uma relevância diferente, já que “*não há aquela coisa de chegar às oito a casa, jantar, e ir dormir depressa para trabalhar no outro dia de manhã (...), nós todos os dias nos encontramos (...), acabamos por tornar isso parte integral das nossas vidas*” (Nuno). Mais do que controlada por horários rígidos, a organização social continua a depender, em grande medida, das rotinas sociais do quotidiano. Esta ideia está implícita na descrição que os diversos representantes fazem da forma de estar graciosense:

“A gente marca a diferença. É ser paciente. Ser um bocado tolerante. Pachorrento. E, ao fim ao cabo, a gente acaba por ser um pouco lutadores.” (José)

“É um estado de espírito. Ser graciosense é amar a terra incondicionalmente e tudo o que ela tem, de bom e de mau, saber viver com tudo.” (Luísa)

“É sem dúvida viver uma ligação especial entre essas pessoas que vivem cá. (...) de estar de certa forma ligado com todas as pessoas. (...) E depois existe aqui uma coisa para mim (...) que é viver numa dualidade entre o mar (...) e o campo (...). De maneira que o graciosense tem uma série de ligações e vive essas ligações todas. (...) a forma como se expressam essas ligações são as festas. As festas, o Espírito Santo, as matanças, são uma formas que as pessoas têm de se ligarem. (...) Por outro lado, essa outra ligação entre o mar e a terra. (...) Por exemplo: era normal os baleeiros serem agricultores. Sempre achei que era isso, desde miúdo que me lembro que me fazia sempre confusão, e brincava e dizia que eles eram pescadores de baleias. E eles diziam que não, nós somos é agricultores que vamos caçar baleias. E isso faz parte da nossa maneira de ser.” (Bruno)

Como tema latente desta discussão, e de quase todos os assuntos abordados neste trabalho, está a importância da tradição, os efeitos da sua reformulação – de acordo com os parâmetros da “vida moderna” – e a necessidade de continuar este caminho de adaptação permanente dos rituais passados ao presente ou de, por outro lado, retornar às “raízes”. Mais uma vez, a comunidade graciosense está a meio caminho neste processo, já que a tradição continua a estruturar o tempo (no sentido em que o futuro se torna, em parte, previsível), mas perdeu o poder de organizar a narrativa reflexiva no seu todo. Particularmente, os mais jovens ou, na generalidade, todos o que se encontrem em situação de maior insegurança (social e/ou económica), tiram comparativamente pouco conforto das regularidades temporais impostas pela tradição. Aqueles que mais beneficiam com ela colocam-na como um eixo estruturante da sua vida social, e este papel de destaque reflecte que a tradição não é apenas um hábito adquirido mas sim um aspecto fundamental da vida dos indivíduos:

“Há sempre uma certa actividade de carácter social. Quem tem um grupo de amigos, no natal circula sempre pelos amigos, há um convívio. Acaba o natal começa o Carnaval, um convívio mais da sociedade em si, que é os bailes, as festas. Depois temos então ali o tempo da Páscoa, que se está mais calminho a seguir do Carnaval. E depois temos o Verão com todo o tipo de festas populares, o convívio, sempre gente que se fala e que se conhece. O sol traz alegria. No Inverno as pessoas são muito mais fechadas em casa, mais depressivas até, se for preciso. Porquê? Porque não há calor, não há aquelas saídas, aquele convívio, as pessoas fecham-se mais. Até ao Natal e ao Carnaval as pessoas libertam-se um pouco, mas a altura pior é essa, é uma altura mais depressiva, uma altura que pesa mais, estes dias de chuva, as pessoas sentem-se mais tristes. Quando começa a vir o sol é uma alegria.” (José)

José faz esta descrição de uma assentada, quase sem parar para respirar. A estruturação

do tempo é clara e precisa, e a insistência do regresso do sol (que continua a ser referido depois desta citação) é um sinal claro de que, à data da entrevista, estamos no auge do Inverno (final de Janeiro). Há, realmente, (quase) sempre uma actividade de carácter social: faz parte da forma de estar do graciosense. A função principal da tradição, mais do que estruturar o tempo de forma a “ocupar” o futuro (Giddens, 1996), parece-nos estar centrada na relação que desenvolve com o contexto físico e social graciosense, de forma a minorar os seus efeitos negativos e a maximizar os “pontos altos” do calendário anual. Deste ponto de vista, poderíamos perceber o porquê de, entre meados de Setembro até ao Natal, não haver qualquer actividade social colectiva de grande dimensão: esta “hibernação” sociocultural acontece após a “celebração” do Verão, no qual há festas (nas diferentes localidades) quase todos os dias, durante praticamente três meses, período em que a Graciosa se enche de emigrantes que regressam à terra e de turistas. Este maior dinamismo e a chegada de pessoas novas à ilha são aguardados sempre com grande expectativa, e celebrado com muita festa e alguns excessos. No entanto, as reservas acumuladas neste período parecem dissipar-se à medida que o Outono termina e o Inverno avança. Assim, perceber-se-ia também que os bailes característicos do Carnaval da Graciosa comecem logo a seguir ao Natal (o qual é também social, com a tradição de “correr os meninos”, a qual se resume no visitar e receber os amigos em casa com a sala de estar repleta das “iguarias” que se fizeram para o jantar de natal, e a cerveja e bebidas espirituosas que aquecem ainda mais estas reuniões sociais em contexto mais íntimo): normalmente, no primeiro dia do ano, inicia-se a temporada dos “bailes”, que irão continuar, todos os fins-de-semana, até ao Carnaval, onde acontecem ininterruptamente durante quase uma semana. Depois dos excessos cometidos, há novamente um período de “acalmia”, que irá terminar novamente com o Verão. Isto é, o calendário “social”, deste ponto de vista, estaria organizado principalmente de forma a tornar o Inverno o menos desagradável possível.

Este ponto assume, de certa forma, particular importância: actualmente, com o despovoamento e o envelhecimento da população, o Inverno torna-se ainda mais difícil de ultrapassar. No final do Verão, em poucos dias passa-se da agitação (quase) total para um ambiente “vazio”, ou melhor, “esvaziado”, pois resulta da saída da ilha dos emigrantes e dos estudantes deslocados. Trata-se de um “choque” que é vivido por alguns com grande sofrimento psicológico. No final de Agosto, começam-se a ouvir as

primeiras lamentações: “*vocês agora vão embora, isto vai ficar vazio outra vez*”. Deste prisma se compreendem alguns dos excessos que se vivem não apenas no Verão, mas também no Natal, Carnaval e Páscoa (épocas em que os estudantes deslocados e os emigrantes regressam à ilha).

Podemos, então, concluir que o significado da pertença ao contexto e à comunidade graciosenses é bastante positivo – embora as gerações mais jovens pareçam ter uma postura diametralmente oposta –, sendo, principalmente, associado com a vida social, o amor à terra, a ligação ao mar e à natureza e, por fim, a uma forma de estar simples e a um ritmo (vivencial) saudável – o qual pode ser uma razão para a diferença observada nos mais jovens que têm uma relação mais ambivalente com a “*pasmaceira*” graciosense, típica das comunidades mais pequenas e isoladas. Neste contexto, a tradição assume um papel importante, ligando os diferentes elementos e, como foi referido, estruturando a vida social em função do equilíbrio entre os momentos de alegria e os momentos mais difíceis que o clima das ilhas açorianas proporciona.

IV – Conclusão

4. Considerações finais

4.1. O factor humano

Ao longo deste trabalho, identificámos alguns pontos que considerámos importantes para a caracterização do espaço social graciosense e dos seus habitantes. Em relação a estes, explorámos – a partir das suas narrativas – a relação de influência recíproca com o seu contexto. Como um dos pontos principais, concluímos que existe uma preocupação generalizada em relação ao futuro, a qual mina, de certa forma, a segurança que a dimensão da ilha, o isolamento e a rede social apertada conferem. Seja pelo despovoamento e envelhecimento populacional, seja pela crise económica, seja pela fraca ligação dos jovens à ilha, o graciosense vive hoje não numa *sociedade do risco* (Beck, 1998), mas sim num *mundo finito*. Isto é, se no início deste trabalho, apontámos o interesse em estudar os efeitos da modernização numa comunidade que

deu um salto evolutivo num tão curto espaço de tempo, chegados a este ponto, observamos que o salto foi ainda maior: de uma sociedade que se mantinha idêntica desde há várias gerações, onde o mundo parecia absolutamente estável, evoluiu-se para uma onde não só a mudança se tornou regra, como colocou também a existência da própria comunidade em risco – ou, pelo menos, criou esse espectro no horizonte temporal da comunidade. Ao passo que a partir da Revolução Industrial, a progressiva aceleração da mudança transformou o presente num “*absoluto passado*” (Stiegler, 2009; p. 11), na Graciosa, assiste-se, isso sim, à *restrição do futuro*, ou seja, a própria continuidade do tempo é posta em risco. Estamos perante problemas diametralmente opostos, mas com o mesmo referencial temporal.

A incerteza desta dimensão cria um forte apego ao tradicional e ao que é característico do local. Daí que frente ao declínio de eventos culturais como os “bailes de Carnaval”, os graciosenses reajam com grande (quase excessiva) preocupação e pessimismo: há uma vontade de permanência, isto é, da mesma forma como o indivíduo, temendo a morte, procura formas de retardar o envelhecimento, a comunidade graciosense parece ansiar por sinais de estabilização ou de paralisação do tempo. Nas respostas ao que significava “ser” graciosense, surgem, sem surpresa, diversos elementos relacionados com este referencial: o *ritmo* (diga-se antes “*o bom ritmo da Graciosa*” (Nuno)); a *estabilidade*, traduzida num apego às pessoas, à natureza e ao mar e à terra, ou seja, elementos que ou não se querem perder ou é certo que estarão sempre presentes; e, por fim, o *próprio tempo*, na medida em que, por diversas vezes, foi exposta a ideia que viver na Graciosa é uma “*opção de vida*”, tendo como dimensão subjacente o tempo vital, e a aversão à mudança, referida por quase todos os entrevistados. Só situando no contexto estes sentimentos de nostalgia e de ausência (de futuro), sentidas pelos graciosenses, podemos compreender que apenas um dos representantes da nossa amostra tenha referido de forma consistente que a (qualidade de) vida melhorou consideravelmente nos últimos trinta anos. Isto é, a incerteza do futuro produz fortes sentimentos de nostalgia, os quais são contrários à comparação positiva do presente em relação ao passado.

Stiegler (2009) lança uma interessante metáfora: defendendo a técnica (e a mudança que dela resulta) como “natural” no humano, admite, contudo, que o mundo contemporâneo se transforma a um tão elevado ritmo que é preciso uma pele

suficientemente espessa para aceitar tal facto como natural, mas que, ao mesmo tempo, as actuais circunstâncias tornam também necessária uma “pele *hipersensível*” ou, até, uma “*mudança completa de pele*” (p. 2) (ênfase do autor) (assinalando dessa forma que a aceleração da mudança não é infinita e que, a dado ponto, acaba por mudar a natureza da própria relação entre a técnica e o humano). A partir daqui, podemos lançar a hipótese de que, frente à evolução da sua sociedade local num tão curto espaço de tempo, o graciosense não desenvolveu ainda essa pele suficientemente espessa, nem tão pouco uma hipersensível. Em termos de modernidade, a comunidade desta ilha e, em geral, dos Açores (e até mesmo de Portugal), é ainda uma “adolescente”. Não há uma tradição adaptada ao “novo” mundo, mas sim a tentativa de preservação da antiga.

No entanto, esta metáfora torna-se ainda mais interessante se considerarmos os factores que poderão fornecer resistência e protecção à “pele” dos graciosenses. Isto é, o verdadeiro perigo para a saúde não está na insuficiente espessura, mas no risco da pele ser perfurada ou queimada devido à falta de um “protector” adequado. Na Graciosa, a segurança proporcionada pela sua pequena dimensão, pelo isolamento e por um estilo de vida (e estrutura da sociedade) marcadamente social, impedem que o dano provocado pela globalização, pela modernização e pelo despovoamento, chegue a ser irrevogável. Assim, por mais que o Mundo há sua volta mude, naquele pontinho do globo parece haver uma certa estabilidade que o protege.

No entanto, se a sociedade actual tornou necessária uma pele espessa para lidar com a velocidade da mudança, é igualmente importante notar que acabou por criar também um indivíduo dependente da estimulação constante, da “*informação*”, do progresso e da acção. Isto é, no mundo actual, o “*stress*”, até certo ponto, tornou-se essencial para o bem-estar do indivíduo ou, por outras palavras, há um requisito mínimo de estimulação caótica para o saudável funcionamento da psique do homem moderno. O mesmo é dizer, completando a metáfora de Stiegler (2009), que a pele espessa é necessária não apenas para aceitar a tecnologia (e a mudança) como “natural”, mas também para lidar com a sua ausência ou com o seu fantasma. Isto é, actualmente, o excesso de estabilidade ou um ritmo do quotidiano demasiado lento podem ser vividos como profundamente perturbadores. E é nessa situação que, em nossa opinião, se encontram os jovens da Graciosa.

A integração da juventude, que é, sem qualquer dúvida, uma das maiores necessidades desta comunidade, é dificultada na medida em que esta cresce num contexto “inundado” por elementos estranhos ao local, desde a televisão ao leitor de mp3, passando pelos videojogos, pela roupa de marca, ect.. Isto é, em termos figurativos, da mesma forma que as plantas endémicas dos Açores estão hoje em vias de extinção devido à introdução de espécies invasoras, também o sentimento psicológico de comunidade dos jovens (as suas “raízes à terra”) é afectado por esta inundação tecnológica. É então necessário um esforço concertado para alterar esta situação. Segundo Costa (2001), para empoderar os jovens

“seria necessário que tivessem um papel na formulação de políticas de outras áreas numa lógica de desenvolvimento de uma consciência juvenil do local, alertando-os para a descoberta do seu conselho e para as potencialidades e obstáculos de um desenvolvimento territorial integrado que deles necessita como actores intervenientes e críticos, ou seja, na consideração dos jovens como agentes de mudança social” (ênfase nossa) (p.156)

Sobre as dinâmicas presentes entre esta geração e os demais membros da comunidade graciosense, um dos pontos mais relevantes encontrados foi a diferença existente quanto ao papel que o passado assume na construção identitária. Eduardo e Leonardo (ambos com menos de 30 anos), no resumo que fazem da sua história pessoal, limitam o papel das duas primeiras décadas que passaram na Graciosa ao “local de nascimento” e à frequência da escolaridade obrigatória (como meio de acesso à universidade). Nada mais é referido, em claro contraste com todos os outros representantes da comunidade que participaram no nosso estudo.

Colocámos esta diferença no contexto da educação escolar e familiar que hoje se defende para as crianças e adolescentes, excessivamente centrada, em nossa opinião, no sucesso académico. Steiner (2008), sobre este ponto, acrescenta que a memorização, cada vez mais em decadência na educação escolar (mas também no contexto familiar, onde a tecnologia substitui o papel do “outro”, levando à sucessão de temas e de imagens em permanente “reciclagem” (Stiegler, 2009)), é fundamental já que, entre outros efeitos positivos, *“faz entrar [o indivíduo] num conjunto comum de referências partilhadas, estabelecendo o núcleo sinóptico de uma herança comum”* (p. 192). Seria, então, importante a “flexibilização” da educação escolar e familiar, a primeira abrindo-

se mais a temas e conteúdos relacionados com a ilha Graciosa, a segunda pela maior responsabilização dos pais, familiares e comunidade em geral, bem como na renovação da confiança no valor do que podem ensinar às novas gerações.

Voltando a Stiegler (2009), realce-se que este autor defende que a aceleração da mudança é passível de produzir um “divórcio” entre o mundo social e o mundo da técnica, já que o segundo está cada vez mais distanciado e “desconectado” do primeiro. Há, neste trabalho de Stiegler (2009), uma grande incidência no que a cada vez maior influência da tecnologia na vida de indivíduos e comunidades substitui e nas necessidades criadas pelas novas dinâmicas que ela institui. Assim, a desorientação é, em parte, sintoma da falta do “outro”, do contacto directo (por oposição ao mediado) com o outro. É aqui que poderá residir a principal valência dos graciosenses, tanto a nível político, como a nível social e psicológico: a sua orientação para a vida “social”, e o modo como vive essa ligação. É, também, onde reside o maior perigo, pois a existência de uma rede social de grande densidade não é algo inerentemente bom ou positivo. As características, os propósitos e as funções que assumem as ligações existentes é que determinam o seu efeito positivo ou negativo. É aqui que, pelo menos em parte, se podem criar respostas e dinâmicas que contrariem algumas das dificuldades com que o graciosense e a sua comunidade se defrontam.

4.2. O factor político

Num contexto social, político e económico em que a discussão sobre as sociedades e as economias da periferia volta a assumir especial relevância, nomeadamente devido aos jogos de interesse presentes na União Europeia, ressurgem também o tema do abandono rural, isto é, da importância das periferias dentro das periferias. De acordo com esta tendência, ao longo do nosso estudo avaliámos o papel das dinâmicas psicológicas, sociais e culturais de um destes locais “esquecidos”. De certo modo, concluímos que existe uma internalização psíquica do diferencial de poder existente entre o local e o global, resultando no desempoderamento comunitário. Esta internalização tende a aprofundar e agravar as dinâmicas existentes.

No entanto, e num momento em que se debate a possibilidade da existência de uma Europa com dois níveis de desenvolvimento e a dois ritmos de expansão económica e social, tarda em impor-se definitivamente o tão ou ainda mais real facto de que a maioria dos países possui disparidades sociais e económicas a nível interno, as quais têm tendência a agravar-se. Da mesma forma que os países centrais da zona euro, a manter-se o actual modelo, terão de aceitar dividir os ganhos e as perdas com os países periféricos, estes últimos terão de promover um desenvolvimento mais global do seu território, nomeadamente criando incentivos para que as zonas rurais voltem a ser povoadas e, conseqüentemente, social e culturalmente viáveis. A centralização dos recursos, privilegiando umas poucas localidades e prejudicando todas as outras, se é que alguma vez foi viável, já não o é.

Apesar desta aceitação pacífica do “destino” a que parecem estar votadas as periferias (caso não haja uma inversão da tendência actual), não podemos ignorar que, na ilha Graciosa, verificamos, por um lado, a presença de uma considerável auto-estima (exceptuando nos mais jovens) relativamente à condição de ilhéu, e do valor dado à diferença que eles próprios representam e assumem em relação a contextos de maior dimensão. Por outro lado, embora não exista uma revolta materializada em actos concretos, observou-se uma elevada consciência dos problemas e das suas potenciais causas, isto é, dos processos sociais, económicos e políticos existentes a nível global (e das suas conseqüências locais). Do nosso ponto de vista, esta consciência não se transforma em acção política devido a três factores: primeiro, uma certa descrença generalizada, onde a desesperança gera estagnação, resultando de novo no aumento da desesperança; segundo, a segurança que os sítios pequenos e isolados têm o condão de oferecer, mesmo em alturas de grandes convulsões sociais e económicas; e terceiro, devido à descredibilização (contemporânea e global) do sistema político em geral. Assim, é necessário não apenas intervir nas atitudes, comportamentos e relações existentes entre os diferentes indivíduos ou grupos, mas intervir também a nível político, promovendo a consciencialização de práticas contrárias às orientações oficiais dos responsáveis políticos. Isto é, fazer com que cheguem à prática as medidas que são tantas vezes defendidas na retórica de quem pede mais um voto.

Terminando a conclusão, diga-se que os pontos analisados ao longo deste estudo apontam permanentemente para a questão da viabilidade do sistema “*indivíduo-contexto*” (na ilha Graciosa), isto é, se a combinação única de características humanas, sociais, culturais, geográficas, económicas, históricas e políticas, tem ou não o potencial de explicar o que cinco dos sete representantes da nossa amostra defendem: de que não há melhor local para viver do que este.

(Bem mais importante do que a existência de uma resposta definitiva que assegurasse, daqui em diante, a estabilidade do mundo (através de garantias de continuidade temporal, espacial, identitária ou, no outro extremo, do anúncio da eminente destruição do lugar), é a declaração de que tal hipótese baseia-se na “*combinação única*” do sistema vivencial do graciosense e não numa maior semelhança (social, cultural e económica) ao modo de vida de uma sociedade pré-moderna).

A hipótese alternativa é a de que essa mesma conjugação de diferentes factores é “única”, mas na actual dimensão temporal, e não relativamente à configuração do espaço. Ou seja, pertence a uma geração, a uma época, e não ao local propriamente dito. Isto explicaria, por exemplo, as diferenças de adaptação das diferentes gerações ao contexto graciosense. Temos então a *tese* (o melhor local do mundo para se viver) e a *antítese* (a melhor época para viver neste local): falta-nos construir a *síntese*, para a qual apresentamos duas metáforas:

- Num microclima, há factores negativos anormais que poderão causar estranheza antes de, eventualmente, serem “acomodados” pela habituação (ou pela adaptação das espécies, através do processo da selecção natural). Mas há também factores ambientais únicos que permitem o desenvolvimento de formas de vida excepcionais ou únicas.
- Neste início do século XXI (ou do terceiro milénio), marcado pela forte crise mundial (que ultrapassa as barreiras da economia, como todas as grandes crises), e de onde Portugal está a sair seriamente afectado, a forma de estar das pessoas da comunidade que estudámos parece-nos diferente da que é possível observar nas pessoas das grandes cidades de Portugal Continental ou do resto da Europa. Estes últimos temem perder tudo ou, no caso dos jovens que investem na formação académica, temem não conseguir alcançar

nenhum dos sonhos que alimentam. Dificilmente vêem uma luz ao fundo do túnel. Já o graciosense parece ter uma lanterna sempre consigo. A preocupação é a mesma. O receio pelo próprio futuro é semelhante. Mas a forma de estar é diferente.

Substituindo o microclima pela pequena comunidade, concluímos que esta possui características únicas, as quais, mais do que positivas ou negativas, marcam uma diferença (original, por ser criadora ou símbolo da alteridade). Na metáfora da lanterna, pese embora o isolamento e, principalmente, o despovoamento e o envelhecimento populacional da Graciosa se constituam como motores de um pessimismo quase unânime em relação à viabilidade desta comunidade, não podemos deixar de referir, a bem da honestidade para com os dados disponíveis, o papel determinante da sensação de conforto e de segurança, e mesmo de satisfação pessoal que muitos sentem a nível individual e social. Isto resulta na manutenção dos “requisitos mínimos” (a fraca iluminação da vela ou da lanterna), estabelecendo a diferença entre um funcionamento deficitário e a paralisação total. É este o sentido de ter uma lanterna sempre consigo, que lhe permita continuar em frente, ou voltar para trás, se for caso disso.

Concluimos, então, lançando a hipótese da diferença, e não da vantagem ou desvantagem do sistema “indivíduo-contexto” da ilha Graciosa frente ao “homem urbano:” em momentos de crise os pontos positivos (como a segurança, a relativa ausência de *stress* (ou de risco sistémico), o suporte comunitário) tendem a sobressair; no entanto, em situação de expansão económica estes locais periféricos ou ultraperiféricos são incapazes de acompanhar o ritmo da urbe. Não se trata de algo inerentemente positivo ou negativo, mas sim a condição imposta pelas características próprias do microclima, e da mobilidade de quem mede cada passo que dá devido ao perigo do que está para lá do que a lanterna consegue iluminar. Como refere José, “*a gente marca a diferença*”.

Capítulo V - Análise Crítica

5.1. Limitações do estudo, propostas de investigação e de intervenção

A primeira característica deste trabalho que importa discutir é a dualidade causada pelo facto de o investigador ser membro da comunidade. De modo a contrariar os possíveis efeitos negativos, escolhemos entrevistar pessoas com as quais já houvesse uma relação prévia de confiança. Do nosso ponto de vista, o resultado desta opção foi positivo. Mesmo quando surgiram temas que também incluíam o entrevistador, estes foram abordados sem qualquer desconforto de ambas as partes.

Embora tenhamos, ao longo deste trabalho, feito referência à ilha Graciosa, deve ser tido em conta que as entrevistas foram feitas exclusivamente a membros da classe média, todos pertencendo ao sector terciário. Apenas um dos participantes reside fora da Vila de Santa Cruz da Graciosa, de modo que não estão representadas as diferentes freguesias da ilha. Este foco limitou em grande medida a diversidade de percepções recolhidas. Seria interessante analisar, por exemplo, as relações existentes entre os diferentes grupos dos vários locais e das diferentes classes socioeconómicas. No entanto, o nosso objectivo não foi o de fazer esta comparação ou, a partir daí, infirmar a validade de hipóteses colocadas *a priori*, mas sim o de criar um espaço onde temas relevantes pudessem surgir e, a partir deles, desenvolver teorias com poder descritivo e, quando possível, também explicativo, justificando-se assim a escolha da amostra e o número de representantes da comunidade neste estudo.

No mesmo sentido, o facto de analisarmos um indivíduo permanentemente “em contexto” (agente “activo sobre” e “passivo sob” a estrutura social), mas reduzindo em grande medida o foco ao contexto local, pode ser considerado como redutor num mundo Global. E, reforce-se esta ideia dizendo que hoje o graciosense é, assumidamente, um cidadão do mundo. Esta crítica é, também ela válida. No entanto, o nosso objectivo foi o de estudar os processos que, a partir da Globalização, se materializam no local. Faltou, então, um olhar mais atento às interacções entre o local e o global, entre o indivíduo e o contexto alargado, sem fronteiras.

Impõe-se, ainda, uma crítica aos elementos dos procedimentos que poderiam ter sido feitos de outro modo: o primeiro prende-se com a formulação da pergunta sobre as “dificuldades” que sentiam os participantes no desempenho da sua profissão na ilha. Esta, tendo sido colocada na negativa (como foi notado por Nuno), incorreu no risco de predispor os participantes a referir os aspectos negativos da sua vida profissional e a desprezar os dados de índole contrária. De certo modo, era esse o objectivo: perceber as possíveis barreiras que o isolamento poderia criar na vida laboral. Mas, mesmo tendo isto presente, a falha persiste: o isolamento pode ser percebido como positivo para o indivíduo, como concluímos pela resposta dada por Nuno (a qual não transcrevemos porque comprometeria a sua identidade); em segundo lugar, a entrevista de Bruno foi mal conduzida, já que ao esquecimento deste quando à data e hora acordadas, que resultou no seu ligeiro atraso, aliou-se o receio do interlocutor de estar a interferir com a agenda do primeiro. O resultado foi um foco exclusivo no guião, não tendo havido quase nenhum reforço para que Bruno aprofundasse os temas mais importantes da sua narrativa, sendo ainda claramente perceptível (e grave) o final prematuro da entrevista, ditado pela precipitação do entrevistador; no terceiro ponto, mesmo tendo sido entrevistadas duas pessoas directamente envolvidas na Escola Básica e Secundária da Graciosa, a não inclusão de jovens com menos de 18 anos limitou em grande medida a análise sobre este grupo e as dinâmicas existentes entre ele e as restantes classes etárias.

Realce-se, ainda, que a abrangência do nosso estudo, procurando compreender o indivíduo graciosense através da relação recíproca entre ele e o seu contexto, entre as especificidades da comunidade e a sua relação com estas, não limitando a análise a determinado conjunto de constructos interligados, mas sim tentando abranger o máximo de temas relevantes para os participantes, dificultou a integração teórica a vários níveis.

Neste contexto, refira-se ainda que, de todos os assuntos que surgiram nas entrevistas, apenas uma pequena parte foi referida e analisada na discussão de resultados. Ficaram de fora os que não corresponderam aos critérios tanto de *riqueza e pertinência do conteúdo*, como de *abrangência*. Entre estes, os mais relevantes para o presente estudo foram: (a) a ambivalência nas representações sociais sobre a comunidade, vista como fonte de satisfação pessoal, em termos de segurança, sentimento de pertença e rede de apoio, mas também como criadora de problemas,

desde a pressão social excessiva ao “mexerico” e ao boato; (b) os elementos constituintes da etnicidade graciosense – sendo este um tema que foi diversas vezes referido, mas que requer um instrumento de medida específico e alicerçado na teoria; (c) a inversão da segunda pergunta de investigação poderia produzir resultados interessantes, isto é, procurar perceber se as práticas presentes de cada indivíduo influenciam a sua percepção do passado – quanto à importância do mesmo na narrativa do indivíduo e à sua valorização positiva ou negativa; (d) a análise das redes de comunicação e das relações de poder presentes na comunidade, no sentido de avaliar a “qualidade democrática” dos processos decisórios e a capacidade de envolvimento e mobilização da população; (e) a relação entre a dinâmica da tradição local e os meios tecnológicos – entendidos como produtores e/ou barreiras da produção cultural (Stiegler, 2009); (f) explorar, descrever e explicar outros processos envolvidos na tensão actual entre as diferentes gerações, procurando formas de aumentar a coesão social e de melhorar a qualidade de vida de cada indivíduo através de uma ambiente social e cultural mais viável; (g) focar nas diferenças de género existentes, por exemplo, ao nível da construção identitária; (h) aprofundar o estudo sobre a identidade e forma de estar dos diferentes grupos existentes nas gerações mais novas, de forma a facilitar a construção de projectos que sejam atractivos para todos ou para um destinatário específico e que adicionem algo ao que já existe no contexto; (i) estudar os efeitos que as representações sobre o isolamento têm nos indivíduos que ainda frequentem a escolaridade obrigatória;

Os problemas identificados na nossa análise podem, ainda, “converter-se” em propostas de intervenção: (1) estudar possíveis vias de promover nos mais jovens um desenvolvimento vocacional mais equilibrado e adaptado à realidade interna e externa – havendo a hipótese de que a maior relevância do papel da educação (familiar e escolar) sobre a história graciosense, as suas características actuais e, principalmente, o incentivo de práticas ligadas ao seu contexto local, resultarão, em conjunto, numa maior *exploração* e *capacidade de investimento* dos jovens que frequentam a escolaridade obrigatória; (2) focar a atenção do trabalho social e da população nos novos focos de isolamento social – com especial incidência nos mais idosos –, resultantes do despovoamento humano e (tão ou mais importante do que este), do êxodo rural

graciosense (centrando-se a população, cada vez mais, na freguesia de Santa Cruz); (3) explorar, descrever e explicar os diversos processos envolvidos na tensão actual entre as diferentes gerações, procurando formas de aumentar a coesão social e de melhorar a qualidade de vida de cada indivíduo através de uma ambiente social e cultural mais viável; 4) promoção de um uso positivo e construtivo dos *media*, principalmente nos mais jovens, mas também nos demais membros da comunidade; (5) promover o envolvimento das gerações mais experientes – e não limitando estas aos detentores maior de capital económico e cultural – na vida familiar, social, cultural, económica e política, de modo a promover o enriquecimento psicológico dos indivíduos e um funcionamento mais equilibrado da sociedade, aproveitando todo o potencial humano e vivencial que a comunidade possui.

Todas estas críticas, limitações e propostas têm um lado prático, capaz de ocupar o seu espaço na comunidade e de promover as suas forças ou minorar os seus pontos fracos. Todas estão inseridas na perspectiva de que a modernidade quebrou, de certo modo, “*o enquadramento protector da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações impessoais muito maiores*” (Giddens, 1994, p. 30). Deste modo, procurámos não apenas estudar as condições existentes, mas também usar o conhecimento que delas adquirimos no sentido de mudar ou propor transformações nas condições sociais e políticas (Bronfenbrenner, 1979, 1995). A Ilha Graciosa, pequena e perdida no meio do oceano atlântico, mas com ligações (ainda) fortes ao continente Norte-Americano e às demais ilhas dos Açores tem, em nosso entender, grande potencial, psicológico e social, desde que os indivíduos e grupos nela presentes consigam defender a sua diferença de uma forma positiva, construtiva e criativa.

“*If men define situations as real, they are real in their consequence*”

Thomas Merton

Referências Bibliográficas

- Anderson C. A., Carnagey, N. L. & Eubanks J. (2003). Exposure to violent media: The effects of songs with violent lyrics on aggressive thoughts and feelings. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 5, 960-971
- Arendt, H. (2000). A crise na Educação. In O. Pombo (Ed.) *Quatro textos excêntricos* (pp. 21-53). Lisboa: Relógio D'Água Editores
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Baudrillard, J. (1996). *A Troca Simbólica e a Morte I*. Lisboa: Edições 70
- Baudrillard, J. (2010). *A Sociedade do Consumo*. Lisboa: Edições 70
- Bauman, Z. (2001). *La Sociedad Individualizada*. Madrid: Catedra
- Beck, U., (1998). *Risk Society: towards a new modernity*. London: Sage Publications
- Beck, U., Giddens, A. & Lash, S. (1997) *Reflexive Modernization: politics, tradition and aesthetics in the modern social order*. Cambridge: Polity Press
- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bourdieu, P. (1997a). *Language and Symbolic Power*. Cambridge: Polity Press
- Bourdieu, P. (1997b). *Razões Práticas: sobre a teoria da acção*. Oeiras: Celta Editora
- Bourdieu, P. (2007). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Editora Vozes
- Bowlby, J. (1988). *A Secure Base: parent-child attachment and healthy human development*. London: Basic Books
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press
- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental Ecology Through Space and Time: a future perspective. In P. Moen, G. H. Elder, Jr., & k. Luscher (Eds.) *Examining lives in*

- context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 619-647).
Washington DC: American Psychological Association
- Bryman, A. (1988). *Quantity and quality in Social Research*. London: Unwin Hyman
- Charmaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory: a practical guide through qualitative analysis*. London: Sage Publications
- Chavis, D., & Wandersman, A. (1990). Sense of community in the urban environment: A catalyst for participation and community development. *American Journal of Community Psychology*, 18, 15-81
- Costa, A. S. (2001). *Políticas de Juventude: regulação e/ou emancipação*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, FPCEUP
- Costa, F. J. (1845). *Memoria Estatística e Histórica da Ilha Graciosa*. Angra do Heroísmo: Imprensa de Joaquim José Soares
- Dubar, C. (2006). *A Crise das Identidades: a interpretação de uma mutação*. Porto: Edições Afrontamento
- Durkheim, E. (1988). *As regras do método sociológico*. Lisboa: Editorial Presença
- Durkheim, E. (2001). *Educação e Sociologia*. Lisboa: Edições 70
- Espínola, P. (2010). *A Emigração na Ilha Graciosa*. Ponta Delgada: Edições Macarronésia
- Elias, N. (1994). *The Established and the Outsiders: a sociological enquiry into community problems*. London: Sage Publications
- Erikson, E. (1976). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores
- Ferreira, B. (1968). *A Ilha Graciosa*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos de Lisboa
- Freud, A. (2006). *O Ego e os Mecanismos de Defesa*. Porto Alegre: Artmed

- Freud, S. (1961). The Ego and the Id. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Vol. XIX, pp. 3-66. London: The Hogarth Press
- Freud, S. (2001). *Inibições, Sintomas e Angústia*. Rio de Janeiro: Imago Editora
- Giddens, A. (1994). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora
- Giddens, A. (1996). *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta Editora
- Habermas, J. (1989). *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro
- Habermas, J. (1979). *Communication and the evolution of society*. Boston: The Beacon Press
- Hall, S. (1996). *Questions of Cultural Identity*. London: Sage Publications
- Kraus, W. (2007). Designing the Long View: lessons from a qualitative longitudinal study on identity development. In M. Watazlawik & A. Born (Eds.), *Capturing Identity: quantitative and qualitative methods*. Plymouth
- Langhans, F. P. (1988). *Ofícios Antigos Subsistentes nas Ilhas dos Açores: Graciosa*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional de Educação e Cultura
- Marcia, J. (1966). Development and Validation of Ego-Identity Status. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 3, n.5, (pp. 551-558)
- Marcia, J. (1986). Clinical Implications of the Identity Status Approach within Psychosocial Developmental Theory. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, (pp. 23-34)
- McMilan & Chavis (1986). Sense of Community: a definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23
- Moniz, A. B. (1883). *Ilha Graciosa: descrição historica e topographica*. Angra do Heroísmo: Imprensa da Junta Geral

- Moscovici, S., & Doise, W. (1994). *Conflict and Consensus: a general theory of collective decisions*. London: Sage Publications
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: Investigações em psicologia social*. Editora Vozes, Petrópolis.
- Nowel, B. & Boyd, N. (2010). Viewing Community as Responsibility as Well as Resource: deconstructing the theoretical roots of psychological sense of community. *Journal of Community Psychology*, 38, (pp 828-841)
- Pacheco, N. C. (2004). *Vitória: nos recantos da saudade*. Santa Cruz da Graciosa: Edição do Autor
- Panelli, R., Adriansen, H. K., Ansell, N., Bushin, N. & Lähteenmaa, J.(2007). Reflecting on Contexts and Identities for young rural lives. In R. Panelli, S. Punch & E. Robson (Eds.) *Global Perspectives on Rural Childhood and Youth*. New York: Routledge
- Peralta, E. (2008). *A Memória do Mar: património, tradição e (re)imaginação identitária na contemporaneidade*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política
- Prezza, M., Amici, M., Roberti, T., & Tedeschi, C. (2001). Sense of community referred to the whole town: Its relations with neighboring, loneliness, life satisfaction and area of residence. *Journal of Community Psychology*, 29, 29–52.
- Ribeiro, L. S. (1983). Os Açores de Portugal. In *Obras II. História*, (1-17). Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira
- Selltiz, C., Wrightsman, L. & Cook, S. W. (1987). *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária
- Silverman, D. (2000). *Doing Qualitative Research: a practical handbook*. London: Sage Publications.
- Silverman, D. (2001). *Interpreting Qualitative Data: methods for analysing talk, text and interaction*. London: Sage Publications

Sarason, S. B. (1974). *The Psychological Sense of Community: prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey-Bass

Sonn, C. (2002). Immigrant Adaptation: Understanding the process through sense of community. In A. Fisher, C. Sonn, & B. Bishop's (Eds.), *Psychological sense of community: Research, applications, and implications* (pp. 205–222). New York: Plenum.

Stiegler, B (2009). *Technics and Time, 2. Disorientation*. California: Stanford University Press

Weber, M. (2005). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Lisboa: Editorial Presença

Anexos

Anexo 1 – Guião das Entrevistas

1. (história individual) De forma breve, qual foi o seu percurso até aqui?

2. Como é viver na Graciosa hoje em dia?

PdA (Pergunta de Apoio): o que fazem as pessoas no seu dia-a-dia? Quais as suas rotinas?

3. O que mudou para melhor e o que mudou para pior?

PdA: Ainda é possível trazer algo do passado para o presente? Porquê?

4. Quais os principais problemas e as principais qualidades da Graciosa?

5. A nível mais particular, quais as principais dificuldades que sente no desempenho da sua profissão aqui na ilha?

6. Que sonhos têm os jovens da Graciosa?

7. Para os que ficam cá, o que é que a Graciosa lhes oferece?

PdA: O que é que os faz ficar? O que os impede de partir?

8. Depois de tudo isto, afinal o que significa ser Graciosense?

9. Começámos o passado, terminamos no ponto oposto: que futuro tem a Graciosa e de que precisa para o concretizar?